



Turismo de Voluntariado

O caso de Kizimkazi (Zanzibar, Tanzânia)

Mariana Lourenço de Aragão



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Mariana Lourenço de Aragão

TURISMO DE VOLUNTARIADO
O caso de Kizimkazi (Zanzibar, Tanzânia)

Nome do Curso de Mestrado
Turismo, Inovação e Desenvolvimento

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professor(a) Doutor(a) Goretti Silva

Junho de 2024

Membros do Júri

Presidente: Prof.^a Doutora Olga Matos

Arguente: Prof.^a Doutora Alexandra Correia

Orientadora: Prof.^a Doutora Goretti Silva

Agradecimentos

Desde pequena, sou uma pessoa naturalmente motivada e feliz, mas sempre à procura de novos desafios que permitam o meu desenvolvimento pessoal ou profissional. Ao longo dos últimos anos foram muitas pessoas que se cruzaram no meu caminho e acreditaram na minha dedicação em todos os projetos que me envolvo.

A elaboração da dissertação de Mestrado foi sem dúvida o momento mais transformador de todo o meu percurso académico, pois foi necessário conciliar a realização de vários sonhos com a vida pessoal, profissional e académica, sendo um deles a experiência de Turismo de Voluntariado em Zanzibar.

Sou muito grata pelas pessoas que contribuíram para a conclusão da presente dissertação e que me apoiaram de diferentes formas, algumas até por obra do acaso ou destino. A todas que me acompanharam, sinto que devo expressar-lhes o meu profundo agradecimento.

À avó Nia, por me ter preparado para enfrentar os obstáculos da vida, ao avô Alexandre, por me ter ensinado os valores que me regem e a não desistir dos meus sonhos e em especial à avó Mikita, pelo carinho e amor em toda a minha educação e por ter sido a minha grande força, sem a qual nada disto seria possível. Obrigada para sempre, são tudo para mim!

À minha mãe e ao meu irmão pelo amor, preocupação e apoio incondicional. Obrigada por todos os momentos de alegria. Amo-vos!

Ao meu pai que, mesmo não sendo um pai presente, ensinou-me desde criança que devo investir no que me faz genuinamente feliz e que os sonhos só dependem de mim mesma para se tornarem realidade.

Ao meu companheiro de vida, Pedro, pela paciência, inspiração e amor, pelos momentos de reflexão e pelas conquistas que celebramos juntos. Obrigada por seres energia positiva na minha vida.

A todos os meus amigos, obrigada. Em especial à Carolina, Carla, Rodrigo, Cris, Scarlett, Khel, Inês e à Cati, a minha irmã do coração.

Aos meus colegas de casa e turistas voluntários, em especial à Clara, à Ana e ao Victor, por terem sido a melhor equipa do mundo e, noutra parte do mundo, como uma família para mim.

Às organizações que gentilmente aderiram à participação no estudo, a ParaOnde e a CRHope Foundation, em especial à Joana, ao Mr. Innocent, à Paula, à Hellen e às professoras Beatrice e Saida. Obrigada pelo vosso empenho diário em causas tão bonitas e por promoverem tantos sorrisos para as crianças e para a comunidade de Kizimkazi.

À minha Orientadora, professora Goretti, pela disponibilidade e acompanhamento durante o meu percurso académico, desde a Licenciatura até à conclusão do Mestrado. Obrigada por valorizar o meu potencial e acreditar em mim.

A toda a família e amigos, agradeço-vos em geral e a cada um em particular, pelo apoio e pelos sorrisos...O meu profundo OBRIGADA.

RESUMO

O Turismo é uma das atividades económicas mais importantes a nível mundial e um fenómeno global que abrange várias realidades sociais, relacionadas diretamente com a procura por novas experiências. Para além de promover o contacto entre culturas, contribui para o desenvolvimento de princípios e valores, tais como a tolerância, o respeito e a diversidade.

É um fenómeno profundamente “humano” e, portanto, desenvolvido por seres que vivem em sociedade e que estão em constante evolução. Atualmente, os turistas são mais conscientes quer no momento da escolha do destino, quer durante a viagem. Espera-se que o impacto turístico envolvido seja capaz de gerar benefícios a nível económico, ambiental e social para as comunidades locais. A relação criada através de qualquer um desses níveis gera novas formas de Turismo sustentáveis, nomeadamente o Turismo de Voluntariado.

Neste sentido, a presente dissertação resulta de uma investigação integrada na conclusão do Mestrado em Turismo, Inovação e Desenvolvimento do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, e de uma experiência pessoal de voluntariado, junto da organização local CRHope Foundation, em Kizimkazi (Zanzibar).

Tendo como objetivo analisar o fenómeno do Turismo de Voluntariado e tendo a autora esse objetivo de realização pessoal, a colaboração com a organização local CRHope Foundation assumiu-se como uma parceria natural e dinâmica para a elaboração da dissertação.

A metodologia adotada baseou-se no desenvolvimento de um estudo de caso e na concretização de uma experiência *in loco*, recorrendo à abordagem qualitativa através da observação participante, da organização de dois grupos de foco aos turistas voluntários ou potenciais turistas voluntários, e de três entrevistas semiestruturadas a uma organização local e uma organização intermediária.

Concluiu-se que o Turismo de Voluntariado, apesar das vicissitudes que o rodeiam, incluindo as dúvidas e constrangimentos de quem quer participar que podem ser inibidores, pode gerar impactos muito positivos, quer para os turistas voluntários enquanto indivíduos, quer para as organizações e comunidades locais que os recebem. A

prática deste tipo de Turismo deve ser incentivada, bem como a valorização do empenho e dedicação das organizações locais.

A investigação finaliza apresentando conclusões retiradas das análises dos dados obtidos, bem como algumas recomendações para as organizações e para turistas voluntários. São apontadas considerações finais relativas à elaboração da presente dissertação, esperando-se que a mesma tenha contribuído para o desenvolvimento do Turismo de Voluntariado, na medida em que aborda a perspetiva dos voluntários, dos potenciais voluntários e das organizações sobre o tema em estudo.

Palavras-Chave

Turismo de Voluntariado, Zanzibar, Organizações de Voluntariado, CRHope Foundation

ABSTRACT

Tourism is one of the world's most important sectors and a global phenomenon that encompasses various social realities directly related to the creation of new experiences. Beyond the relationships with new cultures, it contributes to the development of principles and values such as tolerance, respect and diversity.

It is a profoundly “human” sector and is also developed by human beings who live in society and are constantly evolving. Nowadays, tourists are more aware, and it is expected that their impact can generate sustainable economic, environmental, and social benefits for local communities. The relationship created by any of these sectors generates new forms of tourism such as, volunteer tourism.

This dissertation is the result of the research and personal experience, integrated into the conclusion of the 2nd year of the Master's Degree in Tourism, Innovation, and Development at IPVC, whose local organization was the CRHope Foundation, in Kizimkazi (Zanzibar). The collaboration with the local organization was a natural and dynamic partnership with the main objective: of analyzing the phenomenon of Volunteer Tourism.

The methodology adopted was based on the development of a case study and the implementation of the on-site experience, using a qualitative approach through participant observation, the organization of two focus groups, and three semi-structured interviews.

It was concluded that Volunteer Tourism, despite the vicissitudes that surround it, including the doubts and constraints of those who want to participate, which can be inhibitory, can generate very positive impacts, both for volunteer tourists as individuals and for organizations and communities. The practice of this type of tourism should be encouraged, as well as the commitment and dedication of local organizations.

The investigation ends by presenting conclusions drawn from the analysis of the data obtained, as well as some recommendations for organizations and volunteer tourists. Final considerations regarding the preparation of this dissertation are highlighted, with the hope that it contributes to the development of Volunteer Tourism.

Keywords

Volunteer Tourism, Zanzibar, Volunteer Organizations, CRHope Foundation

Lista de abreviaturas ou siglas

AV – Agências de viagens

BCSD - Business Council for Sustainable Development

EUA – Estados Unidos da América

IAVE - International Association for Volunteer Effort

IPJ - Instituto Português da Juventude

IPVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo

INE – Instituto Nacional de Estatística

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

OP – Operadores Turísticos

OPJ – Observatório Permanente da Juventude

ONGD – Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento

SCI - Service Civil International

UE – União Europeia

URT – United Republic of Tanzania

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNWTO – United Nations of World Tourism Organization

ZATI - Zanzibar Association of Tourism Investors

ÍNDICE

Índice de tabelas	ix
Índice de figuras	x
1. Introdução.....	1
2. Metodologia	3
3. Enquadramento teórico	7
3.1. Turismo	7
3.2. Voluntariado.....	8
3.3. Turismo de Voluntariado	10
3.3.1. Tipos de Turismo de Voluntariado em contexto organizacional	11
3.3.2. A perspetiva das comunidades recetoras do Turismo de Voluntariado.....	16
3.3.3. Dados estatísticos e geográficos do Turismo de Voluntariado	18
3.3.4. Perfil e motivações dos turistas voluntários.....	20
3.3.5. A geração ou segmento de mercado em que se inserem.....	23
4. O estudo de caso	25
4.1. O estudo de caso: a comunidade de Kizimkazi, por meio da CRhope Foundation..	26
4.2. A história e os fundadores da CRHope Foundation	29
4.3. O projeto da escola “Seeds of Light” criado pela CRHope Foundation	30
4.3.1. Organizações locais e intermediárias	31
4.3.2. O processo de pesquisa e a tomada de decisão.....	32
4.3.3. O perfil dos participantes	33
4.3.4. Motivações.....	34
4.3.5. Dificuldades antes, durante e após a experiência	35
4.3.6. A conciliação e o equilíbrio entre o Turismo e o Voluntariado.....	36
4.3.7. O impacto gerado pelos voluntários e o seu contributo para a comunidade local	37
4.3.8. <i>Feedback</i> dos voluntários e da organização	38
5. Recomendações e conclusões	39
Bibliografia	43
Apêndices	49
Anexos	83

Índice de tabelas

Tabela 1: Cores referentes aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	12
Tabela 2: Organizações de Voluntariado (nome, tipo, origem, ano de fundação, local e áreas de atuação	12
Tabela 3: Organizações premiadas e datação	14

Índice de figuras

Figura 1: Pirâmide de Maslow.....	21
Figura 2: Localização geográfica de Kizimkazi (Zanzibar, Tanzânia)	26
Figura 3: Colaboradores da escola "Seeds of Light"	42
Figura 4: Alunos da turma KG1 da escola "Seeds of Light"	42

1. Introdução

O Turismo é um fenómeno social que implica movimento de um indivíduo ou grupo, por um determinado período de tempo (Campaniço, 2010). O Turismo de Voluntariado assume-se como uma tendência no Turismo mundial e globalizado, no qual os turistas encontram alternativas ao nível das atividades e do envolvimento no destino (Cruz, 2016, p. 15).

A presente dissertação de Mestrado aborda o tema do Turismo de Voluntariado, e procura aprofundar os conhecimentos relacionados com esta realidade, valorizando os seus impactos positivos e permitindo também um contacto direto com quem opera diariamente nesta área, no caso uma organização local denominada CRHope Foundation, localizada em Kizimkazi (Zanzibar). Neste sentido, de modo a concluir o Mestrado em Turismo, Inovação e Desenvolvimento, o desenvolvimento de um estudo de caso e a concretização de uma experiência *in loco* foram os métodos adotados. Desta forma, a investigação traduziu-se numa opção mais prática e de contacto com outros intervenientes, ao invés de um trabalho meramente exploratório e teórico.

Para tal, foi fundamental a definição de objetivos, de modo a orientar o trabalho e os procedimentos a seguir:

- Relacionar o Turismo no contexto de Voluntariado;
- Caracterizar o fenómeno do Turismo de Voluntariado e as experiências associadas;
- Descrever os fatores que influenciam no processo de tomada de decisão (motivações, perfil, dificuldades e constrangimentos);
- Fundamentar a prática do Turismo de Voluntariado, com base no estudo de caso – o caso da CRHope Foundation - e na experiência pessoal da autora;
- Analisar o perfil, motivações, dificuldades e constrangimentos quer dos voluntários durante a sua experiência, quer dos potenciais interessados em Voluntariado Internacional;
- Compreender a perspetiva e o impacto para as organizações emissoras ou recetoras de voluntários internacionais;

- Formular recomendações para organizações e turistas, contribuindo para incentivar a prática do Turismo de Voluntariado;

Deste modo, o presente estudo encontra-se estruturado por capítulos.

O primeiro diz respeito aos procedimentos metodológicos adotados.

O segundo refere-se ao enquadramento teórico do trabalho, ou seja, a caracterização e relação entre os temas Turismo e Voluntariado, os tipos de Turismo de Voluntariado em contexto organizacional, a ótica das comunidades recetoras, dados estatísticos e geográficos, assim como perfil e motivações dos turistas, tendo por base indicadores de estudos existentes sobre o tema.

O terceiro capítulo engloba todo o estudo de caso – o caso da CRHope Foundation. Inicia-se com uma caracterização contextual da região, seguindo-se para a história e objetivos da organização, o papel das organizações (locais e intermediárias). De seguida, mais relacionado com os turistas voluntários e a experiência vivenciada analisa-se o processo de pesquisa e tomada de decisão, perfil, motivações, dificuldades, na ótica dos que estiveram na experiência e dos potenciais interessados. Por último, o capítulo termina com o *feedback* final dos voluntários e das organizações recetoras.

Por fim, o quarto e último capítulo apresenta recomendações para organizações e turistas, face às conclusões retiradas, de forma a contribuir para o incentivo da prática do Turismo de Voluntariado.

2. Metodologia

Neste capítulo serão apresentados e explicados os processos metodológicos adotados para a elaboração da presente investigação.

A metodologia a adotar deve ser a que melhor responde ao problema definido, nomeadamente na recolha e análise de dados (Yin R. , 2005). A metodologia de investigação baseia-se num conjunto articulado de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica num determinado momento histórico (Coutinho, 2011).

De acordo com a visão de Creswell (2007, p. 24), as quatro grandes concepções ou paradigmas associados à investigação em Ciências Sociais e Humanas são a Pós-positivista, a Construtivista, a Reivindicatória ou Participatória e o Pragmatismo. Uma destas visões cumprirá os propósitos de unificar os conceitos, pontos de vista e poderá legitimar a investigação através de critérios de validade e interpretação (Coutinho, 2011, p. 9).

A concepção adotada na presente dissertação foi a Construtivista, uma vez que alega conhecimento através de um processo alternativo e de um conjunto de suposições, com o objetivo de tentar compreender o mundo em que se vive (Creswell, 2007, p. 26). Os participantes envolvem-se em questões amplas e gerais, capazes de gerar significados sobre uma determinada situação e baseados em discussões ou interações entre pessoas. O investigador desenvolve significados subjetivos para as experiências vividas, através das suposições, e procura uma “complexidade de visões” (Creswell, 2007, p. 26).

Uma vez que todos nascemos num “mundo de significados” que nos é imposto pela nossa cultura, o investigador assume uma posição de auscultar e observar cuidadosamente a interpretação do mundo em que os participantes se envolvem. Procura compreender o contexto ou o ambiente dos participantes, visitando-o e recolhendo informações presencialmente e “também fazem uma interpretação do que encontram, moldada pelas experiências próprias e pela formação do pesquisador” (Creswell, 2007, pp. 26-28).

A presente dissertação tem como metodologia uma abordagem de estudo de caso e contributos isolados, sejam eles com base na experiência pessoal em Turismo de Voluntariado ou através dos grupos de foco e entrevistas realizadas.

Primeiramente, um estudo de caso diz respeito a uma investigação empírica de um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real e uma estratégia de pesquisa abrangente (Yin, 2001, p. 32). Assim, utilizou-se como estudo de caso a CRHope Foundation, em Kizimkazi (Zanzibar, Tanzânia) como contributo.

A investigação como estudo de caso relata os dados provenientes de diversas fontes, como a pesquisa documental, a observação participante e as entrevistas semiestruturadas (Figueiredo & Amendoeira, 2018). Segundo Igea et al., (1995), o estudo de caso orienta-se por sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação, provenientes de diversas fontes, sendo que, para a presente dissertação utilizaram-se a pesquisa documental, a observação participante, os grupos de foco e as entrevistas semiestruturadas para obtenção de informação e, através da triangulação, comparar os dados obtidos.

Desta forma, o paradigma de investigação Construtivista e a abordagem do estudo de caso estão relacionados através do tipo de recolha e análise de dados qualitativos.

A abordagem qualitativa é utilizada em pesquisas nas Ciências Sociais e tem como principal preocupação a procura pela compreensão e lógica que precedem à prática social, que efetivamente ocorre na realidade (Minayo, 2001). As pesquisas qualitativas são utilizadas de forma a encontrar percepções e esclarecimentos sobre a natureza geral de uma ou várias questões e, abrem caminho para análises e interpretações do investigador (Severino, 2007). Uma pesquisa de natureza qualitativa procura responder a questões muito particulares e específicas, apostando em perspetivas mais descritivas.

A revisão bibliográfica foi fundamental para obtenção de dados secundários por meio de trabalhos de investigação relacionados com o tema do Turismo de Voluntariado. Recorreu-se também à análise de conteúdo, por exemplo, na consulta dos próprios websites das organizações de voluntariado.

Segundo Oliveira et al., (2012), na abordagem qualitativa, o investigador é parte integrante e ativa do processo de produção do conhecimento. O processo de pesquisa qualitativo é indutivo e o investigador gera significado social, a partir da interação com a comunidade humana e dos dados recolhidos *in loco* (Creswell, 2010, p. 27). Assim, a observação participante, que decorreu durante os grupos de foco e as entrevistas realizadas, foram outra técnica de recolha de dados utilizada. Neste sentido, o investigador participa ativamente no estudo, tornando-se um membro do mesmo e

interagindo (Silvestre & Araújo, 2012). O principal instrumento da observação participante é o próprio observador que procura analisar e recolher dados através da sua observação e interação com os membros da pesquisa, possibilitando-o de conhecer percepções, ideias, concepções e vivências desses mesmos membros que não seria possível se o investigador não se inserisse na comunidade do estudo (Vilelas, 2020). Neste sentido, a intervenção da autora enquanto observadora participante aparecerá, na presente dissertação inserida numa caixa de texto, de forma a complementar o estudo de caso.

No desenvolvimento de investigações científicas nas áreas de Ciências Sociais e Humanas são utilizadas várias modalidades de entrevistas: a estruturada, a semiestruturada, a história de vida e os grupos de foco.

Deste modo, recorreu-se à organização de dois grupos de foco e três entrevistas semiestruturadas.

O grupo de foco é uma técnica de pesquisa qualitativa, que para ser desenvolvida, o investigador reúne, no mesmo local e num certo período de tempo, uma determinada quantidade de pessoas que constituem parte da população pesquisada, com a finalidade de “se obterem informações consideradas fundamentais para a compreensão do fenómeno objeto da investigação” (Gatti, 2005). O grupo de foco “permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar” (Gatti, 2005, p. 9). De acordo com Oliveira et al., (2012, p. 8) a quantidade de grupos focais a serem formados para o desenvolvimento de uma determinada pesquisa, bem como o número de participantes em cada um deles, é definida no desenvolvimento do próprio trabalho de investigação e segundo as necessidades detetadas pelo investigador, conforme as finalidades pretendidas.

O primeiro grupo de foco (*Apêndice nº1*), realizado no dia 23 de janeiro de 2023, em Kizimkazi (Zanzibar), a sete voluntários da CRHope Foundation que se encontravam nesse mês na organização local, enquanto decorria também a experiência de Turismo de Voluntariado da autora da presente dissertação. Teve como objetivo compreender as motivações dos voluntários durante a sua experiência, bem como as suas dificuldades e constrangimentos.

O segundo (*Apêndice nº2*), realizado no dia 13 de setembro de 2023, virtualmente, a um grupo de pessoas interessadas em ter uma experiência de Voluntariado Internacional.

Através da organização intermediária portuguesa “ParaOnde?”, que atua em projetos de Voluntariado nacionais e internacionais, foi realizado um Workshop sobre Voluntariado Internacional, que permitiu à autora do trabalho, auscultar e intervir de modo a contribuir no esclarecimento de dúvidas aos potenciais turistas voluntários, com base na sua experiência. Desta forma, foi possível compreender as motivações e dificuldades, na ótica dos que nunca tinham tido uma experiência de Voluntariado Internacional, mas tinham interesse. A moderadora do mesmo foi a gestora de Voluntariado Internacional da organização.

A entrevista semiestruturada parte de questões base que interessam à pesquisa e que, consequentemente levam ao surgimento de novas hipóteses, à medida que se vai rececionando as respostas do entrevistado (Triviños, 1987).

A primeira foi realizada à gestora de Voluntariado Internacional da organização intermediária “Para Onde?”, Joana Pereira (*Apêndice nº3*). A segunda, contou com a colaboração da gestora de Voluntariado Internacional da organização local “CR Hope Foundation”, Hellen Chao (*Apêndice nº4*). E, a terceira foi realizada ao diretor da escola “Seeds of Light”, Innocent Maile onde o projeto da “CRHope Foundation” é implementado (*Apêndice nº5*).

Foi necessário reunir um conjunto de perguntas, de carácter semiestruturado, como um guia com alguns tópicos flexíveis e necessários a discutir. As questões eram curtas, claras e introdutórias. O objetivo da realização das mesmas foi compreender a visão do diretor da escola da organização local, que interage com os voluntários diariamente durante as atividades letivas e também a perspetiva das duas gestoras de Voluntariado Internacional de organizações locais e intermediárias que estabelecem contacto e apoiam os voluntários antes, durante e após as suas experiências.

Os grupos de foco e as entrevistas realizadas adquirem importância no estudo de caso, pois o investigador compreende a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências e possibilita desta forma, a triangulação (Bogdan & Biklen, 2010).

Foram realizados guias de questões para o primeiro grupo de foco e entrevistas e encontram-se descritos textualmente (*Apêndices nº6 e nº7*), bem como o certificado de participação no Workshop (*Anexo nº1*). As entrevistas foram gravadas e transcritas, cuja transcrição consta em apêndice.

3. Enquadramento teórico

Neste capítulo serão definidos e enquadrados alguns conceitos e aspetos que estão na base e decorrem do presente estudo. Assume-se fundamental a explicação do conceito de Turismo de Voluntariado, bem como a sua evolução e diferentes tipologias. É também relevante compreender o contexto organizacional do tema, a perspetiva das comunidades recetoras, dados estatísticos e geográficos, perfil e motivações dos turistas.

3.1. Turismo

O Turismo é definido como o fenómeno social que consiste no deslocamento temporário e voluntário do indivíduo ou pessoas, que, fundamentalmente, por motivos de lazer, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual, para outro no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa, nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, económica e cultural (OMT, 2002). É definido ainda como “atividades realizadas por indivíduos durante as suas viagens e estadas em lugares distintos da sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo, inferior a um ano, com fins de lazer, negócio ou outros motivos” (OMT, 2002), ou seja, um fenómeno social que implica o movimento de um indivíduo ou grupo, por um determinado período de tempo.

Este fenómeno social abrange diversas realidades sociais e compreende em si várias dimensões, que se relacionam diretamente com as motivações que levam o turista a viajar e a procurar novas experiências, que permitam o seu desenvolvimento e realização pessoal e social (Campaniço, 2010).

De acordo com Silva (2011), o Turismo reúne quatro funções sociológicas muito importantes:

1. compensa algumas das perdas que a vida rotineira traz, como o contacto humano e com a Natureza;
2. permite o bem-estar físico e mental necessário ao equilíbrio dos indivíduos;
3. possibilita aos indivíduos o alargamento de horizontes, através da descoberta do novo e do desconhecido;

4. funciona como uma recompensa ao esforço da sobrevivência nas sociedades atuais.

As viagens são uma forma de libertação e de realização pessoal que permite aos indivíduos conhecer melhor o seu próprio ser. Ao viajar, o indivíduo desafia as suas capacidades e a sua resistência, o que garante ainda mais motivação aos turistas aventureiros. A viagem não só proporciona prazer, como também permite que o turista, quando regressa a casa, possa reviver as alegrias da mesma, seja ela motivada por uma nova experiência ou por uma conquista (Carvalho, 2015). Viajar é, portanto, uma forma de realização pessoal e social.

3.2. Voluntariado

O Voluntariado é um tema que está em constante evolução e baseia-se em ações de caridade que respondem às insuficiências familiares e institucionais (Campaniço, 2010). Refere-se também a existência de uma necessidade de aproximação do Voluntariado às Ciências Sociais, pois a sua crescente importância enquanto fenómeno social desenvolve e fortalece atitudes como a solidariedade e o afeto, que transformam a realidade social. Ou seja, as relações sociais estão no centro destes dois conceitos diferentes: Turismo e Voluntariado. Na definição de voluntariado estão relacionados aspetos tais como a gratidão e ação por vontade própria (Campaniço, 2010).

Segundo Ferreira, Proença e Proença (2008) citado por Campaniço (2010), o Voluntariado é uma atividade que não inclui benefícios financeiros e cuja ação é livre, espontânea e benéfica para o próprio indivíduo e para terceiros.

Em Portugal, nos termos do art. 2º da Lei n.º 71/98 de 3 de novembro, a definição de Voluntariado é “conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção, ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas”. Contudo, esta lei não reconhece como voluntariado, “as atuações que, embora desinteressadas tenham um carácter isolado e esporádico, ou seja, determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança” (Diário da República, 1998).

Ainda assim, para Acácio (2007) as atuações, mesmo que não sejam abrangidas pela lei como voluntariado, não deixam de o ser, porque o fundamento das ações voluntárias surgiu em assistência aos mais carenciados como ações com características, princípios e objetivos idealizados para diminuir as desigualdades sociais.

O Voluntário é “o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora” (Barbosa & Carvalho, 2016, p. 5). É um indivíduo que contribui para uma determinada causa sem remuneração (Bakker & Lamoureux, 2008).

Existe ainda uma distinção quanto ao tipo de ações de voluntariado: o informal, quando são ações tais como dar apoio a idosos ou aos vizinhos e o formal, que se baseia em ações semelhantes às do informal, com a diferença de se enquadrarem numa organização (Ferreira, Proença, & Proença, 2008).

Segundo Halba (2003, p. 11) citado por Campaniço (2010, p. 26), a International Association for Volunteer Effort (IAVE) redigiu em setembro de 1990, uma Declaração Universal sobre a Benevolência e o Voluntariado que se baseia em seis condições principais para definir Voluntariado:

- ❖ é uma escolha voluntária que tem em conta as motivações e opções pessoais;
- ❖ é uma participação ativa do cidadão nas comunidades humanas e nas cidades;
- ❖ contribui para a melhoria da qualidade de vida, para uma solidariedade maior e para o desenvolvimento pessoal;
- ❖ traduz-se numa ação e, em geral, num movimento organizado no seio duma organização;
- ❖ contribui para um mundo mais justo e pacífico;
- ❖ e por último, possibilita o desenvolvimento económico e social equilibrado e aumenta a criação de emprego e novas profissões.

Para o Instituto Português da Juventude, o Voluntariado está relacionado com a cidadania, pois funciona como uma via de educação e considera-se “um instrumento de *empowerment* do cidadão nas questões sociais e é um instrumento de contacto com as políticas públicas” (2002, p. 17), ou seja, garante a capacidade aos cidadãos para participarem nas questões da sociedade.

Por último, é de salientar que o Voluntariado contribui de forma significativa para dois aspetos, segundo Smith, citado em Ferreira (2008, p. 44):

- ❖ A nível económico, pois desencadeia ações e contribui para a formação do produto global e para a redução da despesa pública;
- ❖ A nível da construção da sociedade, pois ajuda a que estas se tornem mais fortes e solidárias, desenvolvendo normas de solidariedade e reciprocidade.

No entanto, o conceito de Voluntariado, tem registado algumas alterações ao longo dos últimos anos e desenvolveu-se em novas formas (ambiental, cultural, cívico, desportivo, empresarial, político, entre outros), criando uma crescente preocupação com a qualidade de vida. Deve ainda “garantir as condições materiais de existência e assegurar a qualidade dessa mesma existência e da sua evolução”, procurando formas eficazes para realizar as ações (Campaniço, 2010, p. 28).

3.3. Turismo de Voluntariado

A ideia do Voluntariado associado ao Turismo tem registado uma enorme importância social, ao potenciar a cidadania, o desenvolvimento local e os valores humanos (Campaniço, 2010, p. 29). O Turismo de Voluntariado procura oferecer aos turistas voluntários uma experiência que contribua para o seu desenvolvimento pessoal e também para a melhoria da sociedade, da Natureza e da economia local. É uma nova forma de lazer em que os turistas voluntários procuram envolver-se num desafio pessoal e motivador, que alia o prazer da viagem e a descoberta de si mesmo e do outro (Campaniço, 2010).

McGehee e Santos (2005) definem o Turismo de Voluntariado como a utilização de tempo e dinheiro, para viajar fora da esfera de atividade regular e para ajudar os outros em necessidade. Tal como citado por Campaniço (2010), este fenómeno tem as suas raízes no Voluntariado, o que implica que os indivíduos ofereçam os seus serviços para melhorar certos aspetos da sociedade, participando em atividades de boa-vontade.

Barbosa e Carvalho (2016) definem ainda Turismo Voluntário como um Turismo de Nicho, ou seja, um segmento de mercado, visto que ainda se encontra em exploração e é vocacionado para um público-alvo muito específico. Para Barbosa e Carvalho (2016), é,

de facto, um nicho de mercado e muitos turistas optam pela troca das férias tradicionais por experiências turísticas alternativas, que satisfaçam o desejo de realização pessoal.

O Turismo de Voluntariado representa a plena combinação entre Voluntariado e Turismo, que envolve uma viagem onde o turista dedica uma parte do seu tempo a proporcionar serviços voluntários – aos residentes, ao ambiente ou a infraestruturas – o que vai criar um impacto positivo no destino (Bakker & Lamoureux, 2008). O Turismo de Voluntariado é uma ferramenta poderosa para o crescimento sustentável (Campaniço, 2010).

3.3.1. Tipos de Turismo de Voluntariado em contexto organizacional

O Turismo de Voluntariado é planeado pelas organizações e implementado pelos voluntários que, doam o seu tempo sem intenção de retorno e espelham as suas características, competências e conhecimentos nas suas ações (Araújo, 2023, p. 21).

Para melhor compreender a evolução deste tipo de turismo é fundamental acompanhar as transformações que ocorreram na sociedade, por exemplo, “(...) se há uns anos o Voluntariado se cingia apenas às pessoas que pertenciam às Associações de Bombeiros Voluntários, hoje em dia, e cada vez mais (...) existem organizações, associações e projetos que se dedicam, de uma forma ou de outra, a ajudar o próximo.” (Quinta, 2016, p. 30).

Mundialmente, organizações paralelas ao contexto de voluntariado coordenam projetos voluntários de curto, médio e longo prazo e estão presentes nos seus *websites* todas as informações necessárias sobre as oportunidades de voluntariado internacional, tais como a duração do mesmo ou o tipo de projeto que melhor irá de encontro às expectativas do turista voluntário. E, no sentido de reforçar a importância do tema procurou-se relacionar as organizações que promovem o Turismo de Voluntariado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Desse exercício resultou a tabela abaixo, que representa cada ODS com uma determinada cor (*Tabela nº1*) e, posteriormente, algumas informações relevantes sobre as organizações de voluntariado (*Tabela nº2*).

Tabela 1: Cores referentes aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Cor	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
	Erradicação da pobreza e fome zero
	Redução das desigualdades e Igualdade de género
	Boa Saúde e Bem-Estar
	Educação de qualidade e Cidades/comunidades sustentáveis
	Emprego digno e Crescimento económico
	Energia acessível, águas limpas e saneamento
	Paz, justiça e instituições fortes e Parcerias em prol das metas
	Combate às alterações climáticas e Consumo e produção responsáveis
	Indústria, inovação e infraestrutura
	Vida debaixo de água
	Vida sobre a terra

Fonte: Elaboração própria com base no BCSD (2023)

Tabela 2: Organizações de Voluntariado (nome, tipo, origem, ano de fundação, local e áreas de atuação)

Nome	Tipo de Organização	Origem	Ano de fundação	Local de atuação	Áreas de atuação
Para Onde	Intermediária e local	Portugal	2016	+ de 20 países e em Portugal	
CRHope Foundation	Local	Tanzânia, Zanzibar	2016	Tanzânia (Zanzibar)	
Worldpackers	Intermediária	Online e mundial	2014	Mais de 140 países	
Exchange do Bem	Intermediária e local	Brasil	2016	17 países	
UNICEF (ONU)	Mundial	EUA	1946	190 países	

Care	Intermediária	EUA	1946	111 países	
Save the Children		Londres	1919	120 países	
AMI		Portugal	1984	82 países	
Médicos Sem Fronteiras		França	1971	71 países	
AIESEC-Global Volunteer	Intermediária	Bélgica	1948	+ de 120 países	
Cross- Cultural Solutions	Intermediária	USA	1995	9 países	
Volunteer Abroad	Intermediária	-	1997	+ de 10 países	
Serviço Voluntário Europeu	Local e Intermediária	Europa	2001	+ de 10 países	
Global Volunteers	Local nos USA e intermediário	USA	1984	14 países	
World Wide Fund For Nature (WWF)	Local mas em vários sítios	Suíça	1961	+ de 20 regiões	
BRAC	Local	Bangladesh	1970	+ de 10 países	
CIVC	Intermediária	Suíça	1863	+ de 80 países	
Service Civil International	Intermediária	França	1920	+ de 94 países	

Fonte: Elaboração própria com base nos websites oficiais das organizações

Destacam-se como informações relevantes sobre as organizações: o seu tipo, origem, ano de fundação, local e áreas de atuação.

Algumas destas organizações internacionais já receberam prémios, dos quais se destacam:

Tabela 3: Organizações premiadas e datação

Nome da Organização	Prêmios e data
UNICEF	Prémio Nobel da Paz (1965)
Médicos Sem Fronteiras	Prémio Nobel da Paz (1999)
BRAC	Prémio Mundial da Alimentação (2015)
CIVIC	Prémio Nobel da Paz (1917, 1944 e 1963); Prémio Balzan para a Humanidade, da Paz e da Fraternidade entre os Povos (1996)

Fonte: Elaboração própria com base nos websites oficiais das organizações

Cada organização atua conforme as necessidades do local recetor de voluntariado e a permanência do voluntário na organização pode ser curta, média ou longa.

McCurley e Lynch (1998) citados por Silva (2012, p. 4) diferenciam dois tipos de voluntariado: o voluntariado a longo-prazo e o voluntariado a curto-prazo. O primeiro, concebe o voluntário como uma pessoa que dedica o seu tempo a outrem em nome de uma causa maior e descobre a organização porque se identifica com essa mesma causa ou porque tem algum tipo de relação com os outros voluntários. Uma vez na organização, entrega-se ao trabalho, desenvolve sentimentos de pertença, envolve-se emocionalmente, e é capaz de reconhecer os benefícios da experiência. No caso do voluntariado a curto-prazo, o papel das organizações é mais limitado, porque é o próprio indivíduo que, com ligeiro interesse, procura de forma autónoma organizações e oportunidades para fazer voluntariado por diversos motivos como por exemplo, identificação com uma determinada causa ou conhecer alguém que esteja envolvido nessa mesma atividade. O grande objetivo que orienta este tipo de voluntariado é, em geral, o benefício pessoal, uma vez que o foco motivacional são os interesses do próprio.

Para Perold et al., (2011), nas experiências curtas, os voluntários fornecem apoio local nas atividades realizadas, vivem coletivamente com cidadãos dos seus países de origem e suportam a maioria dos custos da experiência, sendo que esta poderá durar dias ou semanas, geralmente. Por outro lado, nas experiências de longa duração, os voluntários têm formações e treinos pré-partida, fornecidos por organizações intermediárias e, normalmente, vivem com os habitantes locais.

As organizações assentam em princípios e objetivos semelhantes, no entanto algumas exigem determinados requisitos para os voluntários. A ONU, por exemplo, tem voluntários provenientes de 160 países distintos e lança todos os anos cerca de 2.000 novas oportunidades de Voluntariado Internacional, sendo necessário preencher um formulário de inscrição. Outras organizações exigem uma idade superior a 25 anos, formação superior, dois anos de experiência profissional na área de atuação a que se candidata ou bons conhecimentos de línguas (Montepio, 2022).

Os voluntários devem possuir habilitações ou competências específicas, um determinado nível académico e cumprir os requisitos de idade. Alguns programas de voluntariado internacional implicam uma permanência de dez meses ou mais no destino e os voluntários poderão ter direito a receber bolsas ou prémios durante ou após a experiência, especialmente se esta for apoiada por organismos públicos (Allum, 2007).

Segundo Mc Bride, Benítez e Sherraden (2003) citado por Benjamin (2019, p. 3 e 4) atualmente, a maioria dos programas de voluntariado internacional é facilitada por organizações sem fins lucrativos. No entanto, existem organizações internacionais, públicas ou privadas que atuam em todas as partes do mundo.

A criação de uma organização de Turismo de Voluntariado tem um objetivo específico que varia de organização para organização.

Por exemplo, a “BRAC” iniciou-se devido a catástrofes naturais e, desde aí, dá continuidade às suas atividades voluntárias (Montepio, 2022). Por outro lado, o início da “Worldpackers” traduz uma história desafiante e de superação individual que originou uma enorme plataforma de voluntariado internacional e, atualmente, funciona como uma plataforma “Booking”, mas para o Turismo de Voluntariado (Lima, 2022). Já a “Care”, resultou na junção de 22 organizações norte-americanas (Care, 2023).

Também a “Global Volunteers” movimentava hoje mais de 2.500 voluntários por mais de 100 comunidades locais em 19 países (Campaniço, 2010). Esta organização promove programas de voluntariado através de parcerias com a comunidade local e, os voluntários não são unicamente pessoas individuais, mas também famílias, estudantes e profissionais (Montepio, 2022).

A “Volunteer Abroad” é outro exemplo de uma plataforma com oportunidades de Turismo de Voluntariado (Montepio, 2022). A “Missão Aventura Solidária” possibilita a

realização de uma viagem e, ao mesmo tempo, a contribuição num projeto de desenvolvimento local, operando, por exemplo na melhoria das condições de saúde e de educação da comunidade local. Desta forma, o voluntário consegue avaliar localmente a aplicação concreta do seu donativo (Silva, 2012, p. 38). A “Service Civil International” é a maior rede de voluntariado internacional apoiada pela UNESCO e coordena projetos voluntários por todo o mundo, contando com mais de 130 organizações parceiras (SCI, 2023).

A “Para Onde?”, uma organização portuguesa que promove o Turismo de Voluntariado começou a sua atividade como sendo uma simples plataforma online informativa de programas voluntários e, atualmente, é uma das organizações parceiras da SCI (Para Onde, 2023). São também parceiros de várias associações internacionais, de pequenas dimensões e com necessidades de voluntários, como o caso da CRHope Foundation, em Zanzibar.

De Portugal, nas missões internacionais da AMI concorrem profissionais de diversas áreas tais como médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, engenheiros, que realizam ações durante semanas, meses ou anos. A AMI desenvolve projetos internacionais em parceria com organizações locais e as suas missões relacionam todos os ODS, sendo que o voluntário pode realizar uma pesquisa mais personalizada no website, através do ODS que fará mais sentido para si (Montepio, 2022).

Ressalvam-se ainda algumas organizações que operam no setor turístico e que inspiram os jovens a rumarem lado a lado com as organizações e as suas práticas responsáveis. Por exemplo, a “Travel Foundation”, uma instituição de caridade independente que trabalha com organizações turísticas e contribui para apoiar destinos e comunidades, desbloqueando o potencial positivo do turismo e desenvolvendo um turismo sustentável. Ou a “Social Bnb” que é uma plataforma de reserva de alojamento vinculados a projetos sociais ou ecológicos, e funciona como uma conexão entre ONGs e viagens com benefícios para todos (UNWTO, 2022, p. 35). Cada voluntário inserido numa organização pode ser uma semente de transformação social no Mundo (Para Onde, 2023).

3.3.2. A perspetiva das comunidades recetoras do Turismo de Voluntariado

Para o Conselho da União Europeia (2011) citado por Jacinto (2020, p. 4), as várias formas de voluntariado, por sua livre escolha e motivação e sem fins lucrativos beneficiam não só o voluntário a nível individual como também as comunidades e a sociedade como um todo. A maior parte são realizadas como apoio a organizações sem fins lucrativos ou a iniciativas da comunidade e constituem igualmente um instrumento para os indivíduos e associações atenderem às necessidades e preocupações a nível humano, social, ambiental ou relacionado com as gerações futuras.

As experiências de Voluntariado Internacional permitem incutir valores nos indivíduos tais como justiça social e interculturalidade, portanto, os voluntários assumem uma identidade como agentes globais de cidadania (Laurie & Baillie Smith, 2018).

Os voluntários internacionais ganham capacidades e habilidades que podem e devem utilizar após o retorno aos seus países de origem (Machin, 2008). Por outro lado, é de salientar a partilha recíproca e a solidariedade que é vista como um benefício significativo do serviço internacional (Devereux, 2010).

Estudar os impactos que este tipo de turismo gera é particularmente importante. Com o crescimento da procura por oportunidades de participação no Voluntariado Internacional, é provável que esta prática continue em expansão. No entanto, a par da informação e das pesquisas sobre os constrangimentos, é fundamental estudá-la *in loco* e regulamentar adequadamente esta prática (Benjamin, 2019, p. 12).

Para Benjamin (2019), o diálogo com os membros da comunidade é essencial. O aumento da consciência crítica em prol das comunidades permitirá combater os resultados potencialmente negativos associados a esta prática (Benjamin, 2019).

O destaque deve estar virado para programas socialmente responsáveis e que agem conforme as necessidades dos habitantes locais (Benjamin, 2019). As organizações devem apostar em pesquisas teóricas e simultaneamente em exaustivas análises no terreno, e na elaboração de diretrizes que fomentem esta prática. Por exemplo, a criação de um “selo de aprovação” para organizações-membros que concordem e trabalhem tendo em vista os mesmos princípios e objetivos. Isto será fundamental para dar voz às preocupações das comunidades locais e transmitir as suas necessidades e preocupações aos gestores das organizações, comparando assim, as necessidades da população recetora com as contribuições dos voluntários (Benjamin, 2019, pp. 12, 13), uma vez que os

objetivos das organizações devem estar sempre relacionados com os problemas da comunidade local, com vista na sua resolução ou melhoria.

Os voluntários, na sua candidatura a um projeto, devem procurar perceber a causa que pretendem defender, quem irão ajudar e de que forma podem fazê-lo. Após essa decisão, devem contactar a entidade que promove o programa de voluntariado mais adequado aos seus objetivos, e verificar se cumprem os requisitos da organização (Calado, 2019). Assim, no momento de seleção dos candidatos, a organização compreenderá se o voluntário poderá ser útil ou não para o projeto a que se propõe.

Por fim, uma boa interação e ajuda coordenada entre os turistas voluntários e as comunidades locais, gerará um benefício mútuo como impacto do Turismo de Voluntariado internacional.

3.3.3. Dados estatísticos e geográficos do Turismo de Voluntariado

A globalização e a internacionalização estão associadas a um aumento do Voluntariado Internacional no século XXI (Benjamin, 2019, p. 6). Assim, as experiências voluntárias estendem-se facilmente além das fronteiras nacionais (McBride, Benítez, & Sherraden, 2003).

Os principais emissores de turistas voluntários são a América do Norte e a Europa e os principais destinos recetores são América Central, América do Sul, África e Ásia (Souza, Barcelos, & Lamas, 2018).

Em 2006, mais de 700 australianos viajaram como turistas voluntários para 48 países recetores de Turismo de Voluntariado (Bakker & Lamoureux, 2008). A Austrália assumia-se como um representante notório nesta prática e atuava maioritariamente em países como o Bangladesh, a Tailândia ou Vietname, ou seja, países com problemas específicos (Bakker & Lamoureux, 2008). Constava-se ainda que, na Austrália, as atividades de voluntariado eram maioritariamente realizadas na faixa etária dos 35-44 anos e, geralmente por mulheres (Bakker & Lamoureux, 2008, p. 18).

Os turistas voluntários europeus provêm maioritariamente do Reino Unido, Irlanda, Alemanha, França e Países Baixos (Bakker & Lamoureux, 2008, p. 15). Na Europa registou-se um aumento do número de turistas voluntário devido ao “incremento de

iniciativas de voluntariado, aumento da sensibilidade pelos problemas sociais e ambientais (...) e aumento do número de organizações de voluntariado” (Serapioni, Lima, & Ferreira, 2013, p. 61).

Em 2011, os países europeus que mais desenvolviam atividades de voluntariado de forma regular eram os Países Baixos, a Dinamarca, o Luxemburgo e a Finlândia, com uma taxa de participação de 31%, 21%, 19% e 15%, respetivamente. Por outro lado, a taxa de participação em Portugal, em 2011 era apenas de 3% (Serapioni, Lima, & Ferreira, 2013, p. 63).

Enquanto a Suécia, Finlândia, França, Alemanha e Países Baixos atuavam em 2009, na sua maioria em áreas de intervenção como a cultura, lazer e interesse profissional, por outro lado, Portugal, Espanha, Itália, Roménia e Irlanda atuavam na área da educação, saúde, serviços sociais e desenvolvimento económico nos países necessitados de voluntários (Serapioni, Lima, & Ferreira, 2013, pp. 70, 71).

No Reino Unido, o Turismo Voluntário tem sido popular para os estudantes, desde os anos 60 (Bakker & Lamoureux, 2008). Estima-se que 75% do Turismo de Voluntariado no Reino Unido era composto por pessoas com 25 anos ou menos, 15% possuíam entre 25 e 45 anos e 10% tinham mais de 45 anos (Bakker & Lamoureux, 2008, p. 15). De todos os turistas voluntários, 60% eram mulheres, segundo a mesma fonte. Os mais jovens estavam, cada vez mais, a contribuir para assentar este tipo de turismo, no entanto o crescimento mais significativo registava-se no mercado de adultos, que largavam a sua atual profissão ou na reforma. Os turistas voluntários do Reino Unido viajavam na sua maioria para o resto do Mundo (76%) e uma menor parte realiza turismo doméstico na área do voluntariado (24%). As viagens eram realizadas maioritariamente nos períodos de férias do trabalho, mais concretamente 97% (Bakker & Lamoureux, 2008, p. 16).

Segundo Serapioni et al., (2013, p. 78), de 2006 a 2008, os países que geraram mais valores relacionados com o Turismo de Voluntariado foram Áustria, Países Baixos, Suécia, Reino Unido, Alemanha e Irlanda. Contudo, isto varia consoante o número de voluntários participantes. Analisando-se nesse prisma, verifica-se que a Alemanha, Reino Unido, França e Espanha eram os que mais contribuíam, em termos de recursos humanos.

Em 2009, os voluntários portugueses atuavam em áreas de serviços sociais, da cultura e lazer, da educação e da investigação (Serapioni, Lima, & Ferreira, 2013, p. 72).

Segundo o INE, em 2018, a taxa de voluntariado foi de 7,8%, onde quase 700 mil pessoas (com 15 anos ou mais) que vivem em Portugal, participaram em, pelo menos, uma atividade ligada ao voluntariado. A categoria etária com maior atividade nesta área foi entre os 15 e os 24 anos e, na sua maioria, realizado por mulheres (Faria, 2019). No entanto, os dados não são explícitos quanto aos países recetores de voluntariado.

3.3.4. Perfil e motivações dos turistas voluntários

Tal como referido anteriormente, os jovens são a faixa etária que mais participa em atividades voluntárias (Faria, 2019). A juventude assume-se como um período de elevada importância, uma vez que determina a fase terminal da infância e o início da fase adulta (Quinta, 2016, p. 26). De acordo com Guerreiro e Abrantes (2004) citados por Marques (2016, p. 34), o acesso ao ensino superior poderá estar relacionado com a adesão desta faixa etária ao Turismo de Voluntariado, devido à necessidade de criação de novas redes de sociabilidade, procura por novas oportunidades e perspetivas para o futuro. Hodgkinson et al., (1996) citado por Marques (2016, p. 36), menciona que os estudantes universitários são o grupo social que mais tem comportamentos de ajuda e se envolve em atividades voluntárias. Nesse estudo, predominavam voluntários do género feminino e com idades de 21 e 22 anos. De acordo com a UNWTO (2022, p. 7) a juventude refere-se à geração Z. Integra a juventude “qualquer pessoa com idade compreendida entre 15 e 35 anos”, portanto, neste grupo podem também estar inseridas as pessoas que deixam a escolaridade obrigatória e se encontram na fase da procura pelo primeiro emprego (Quinta, 2016).

No entanto, segundo o OPJ, “não existem limites precisos para a definição de jovem ou juventude” (Quinta, 2016, p. 27).

Os jovens assumem-se assim, como os principais atores da transformação social, contribuindo para uma sociedade justa e igualitária, respeitando os direitos humanos e apelando ao fim da discriminação, rumo a uma sociedade mais pacífica e sustentável (Quinta, 2016, p. 28). Têm como maiores motivações o desenvolvimento pessoal, a descoberta de novas culturas e o auxílio a comunidades e preferem ajudar crianças e jovens (Bakker & Lamoureux, 2008). Para os jovens, viajar é uma forma de aprender, de conhecer outras pessoas, de entrar em contacto com outras culturas, uma fonte de

desenvolvimento de carreira, um meio de autodesenvolvimento e faz parte da identidade de cada um (World Tourism Organization, 2011, p. 6).

A motivação é determinante para o envolvimento e continuidade do Turismo de Voluntariado, levando sempre em conta os valores e princípios que movem o voluntário, isto porque a motivação advém muito do seu nível de envolvimento e participação nas tarefas programadas (Serapioni, Lima, & Ferreira, 2013). Podem estar associadas: aos valores humanitários; à possível ascensão na carreira; à compreensão do Mundo e das pessoas; ao enriquecimento ligado ao aumento da autoestima; à proteção que leva ao esquecimento de problemas; e por fim, à vertente social que se apresenta associada às expectativas dos amigos e conhecidos (Campaniço, 2010).

No entanto, não seria rigoroso abordar o tema do Turismo de Voluntariado sem relembrar a “Pirâmide de Maslow” como figura explicativa das motivações, na qual se encontram as necessidades de autorrealização, desenvolvimento pessoal e conquista, no topo. Este tipo de turismo possui uma grande relevância no que diz respeito às satisfações pessoais e realização de desejos pessoais (Campaniço, 2010).

Figura 1: Pirâmide de Maslow



Fonte: Adaptada de Campaniço (2010)

A verdade é que as motivações para o voluntariado diferem de pessoa para pessoa, e tendem a diferir ainda mais consoante as idades dos voluntários (Silva, 2012). Num panorama geral, são os jovens e os adultos quem mais adere às práticas de Voluntariado

Internacional e estes têm o objetivo de adquirir conhecimentos e competências que, futuramente lhes sejam benéficas aquando da atividade profissional. Já os seniores, olham para o voluntariado como uma oportunidade de oferecerem a sua ajuda aos mais carenciados e, deste modo, sentindo-se ativos ao contribuir para a sociedade (Silva, 2012, p. 15).

As motivações dos jovens portugueses nesta prática revelam que 50% dos voluntários tem motivações altruístas (“fazer o bem”), e os restantes são movidos por motivações pessoais, com vista à satisfação de necessidades, como a realização pessoal, passatempo, lazer (Silva, 2012, p. 16).

Segundo a UNWTO (2022, p. 26), o benefício das viagens para os jovens gera oportunidades de educação, socialização, descoberta cultural, desenvolvimento de carreira e autodesenvolvimento. O preenchimento das motivações, a possibilidade de ajudar os outros, o altruísmo, a oportunidade de viver novas experiências e a obtenção de aprendizagens enriquecedoras, tanto a nível pessoal como profissional são uma mais-valia para a sociedade (Marques, 2016, p. 87).

Os efeitos que as pessoas retiram da ação de voluntariado também diferem entre indivíduos. Algumas conclusões das investigações chegam a incidir sobre a saúde física e mental, competências pessoais e profissionais e mudanças comportamentais, como a diminuição da ansiedade, stress e comportamentos antissociais (Silva, 2012, p. 23).

Os turistas voluntários procuram então “combinar a experiência do trabalho voluntário com a oportunidade de conhecer diferentes países e culturas” (Calado, 2019). Capazes de atravessar fronteiras para enfrentar os desafios globais, viajam com um novo espírito de inovação e motivação (UNWTO, 2022).

É comum os turistas voluntários partilharem sentimentos de entrega, compromisso e responsabilidade que se podem traduzir em “resultados compensadores” (Ferreira, Proença, & Proença, 2008).

Desta forma, entender as motivações dos viajantes da Geração Z (nascidos de 1990 a 2010) e as suas preocupações é fundamental para compreender o comportamento do mercado turístico europeu e global nos próximos anos e analisar o seu impacto (European Travel Commission, 2020, p. 12).

3.3.5. A geração ou segmento de mercado em que se inserem

As motivações podem estar relacionadas com a idade do turista voluntário e com a geração em que ele cresceu - “*Volunteer tourists range from young to old*” (Bakker & Lamoureux, 2008).

A Geração Y (nascidos entre 1981-1996), mas sobretudo a Geração Z (nascidos entre 1997-2010) são os mais conscientes em relação a questões sociais, e são os que mais contribuem com ajudas voluntárias. Reconhecem que o impacto da tecnologia transforma totalmente o valor destas causas, e agrupam-se de modo a viralizar estas ações (Bakker & Lamoureux, 2008). Estas gerações estão mais cientes dos impactos ambientais e dos efeitos da globalização.

O termo “Gappers”, associado ao *Gap Year*, está também relacionado com o Turismo de Voluntariado. Resume-se num período de pausa entre duas etapas importantes da vida, que podem ser o pós-secundário, pós-licenciatura, pós-emprego ou ainda aquando a reforma, não o interpretando como um momento de pausa na vida, mas um momento de investimento em si mesmo. Ou seja, não se refere a uma paragem no conceito literal da palavra, mas precisamente o contrário, pois é um momento de descoberta para observar o mundo exterior e refletir sobre as decisões futuras (Bakker & Lamoureux, 2008).

As famílias são outro segmento em crescimento no Turismo de Voluntariado onde, através de experiências únicas, os pais procuram ensinar e inculcar aos filhos valores importantes, como a gratidão (Bakker & Lamoureux, 2008).

Existe ainda o segmento “SAVE”, que diz respeito a voluntários científicos/académicos que se organizam em grupos com a finalidade de realizarem pesquisas, por exemplo, um grupo que viaja para a Costa Rica para estudar sobre a flora e fauna da região (Bakker & Lamoureux, 2008). Existem locais ricos em recursos ambientais, mas pouco atrativos turisticamente.

Atualmente, várias empresas promovem uma outra vertente denominada “Viagens Corporativas”, onde procuram utilizar viagens de forma a motivar os colaboradores e a fortalecer o trabalho em equipa, ao sensibilizá-los para questões humanitárias. Estas viagens são geralmente de recompensa, e criadas a partir de parcerias entre as empresas e as organizações de voluntariado. Integram o Turismo de Voluntariado e tornam-se uma

vantagem para as empresas, que conseguem adquirir uma boa imagem perante o público e um bom posicionamento no mercado, apostando na responsabilidade social (Bakker & Lamoureux, 2008).

As férias humanitárias exemplificam a prática mais simples deste tipo de turismo e funcionam como “dois em um”, pois os turistas viajam em férias e, o custo das mesmas é revertido em horas de ajuda voluntária ou através de um valor monetário, contribuindo para apoiar a comunidade local (Bakker & Lamoureux, 2008). Destacam ainda a relevância deste tipo de turismo como sendo uma base para a futura segmentação deste mercado.

4. O estudo de caso

Este capítulo engloba toda a informação relevante para o estudo de caso, na sua maioria recolhida através da experiência *in loco*, em janeiro de 2023. Desta forma, inicia-se com uma breve caracterização contextual da região, seguindo-se para a história e objetivos da organização, o papel das organizações (locais e intermediárias). De seguida, mais relacionado com os turistas voluntários e a experiência vivenciada analisa-se o processo de pesquisa e tomada de decisão, perfil, motivações, dificuldades, na ótica dos que estiveram na experiência e dos potenciais interessados. Por último, o capítulo termina com o *feedback* final dos voluntários e das organizações recetoras. Ao longo do capítulo é possível observar uma relação entre as informações obtidas da análise documental, com as opiniões recolhidas dos grupos de foco e entrevistas realizadas durante e após a experiência de Turismo de Voluntariado vivenciada pela autora da presente investigação.

4.1. O estudo de caso: a comunidade de Kizimkazi, por meio da CRhope Foundation

Zanzibar é um arquipélago integrante da República Unida da Tanzânia (URT) localizado no Oceano Índico, formado por duas ilhas principais, Zanzibar e Pemba, que partilham águas com a Tanzânia continental (Zanzibar Planning Comission, 2020).

Figura 2: Localização geográfica de Kizimkazi (Zanzibar, Tanzânia)



Fonte: Adaptada de Maximilian (2017, p. 68)

Estima-se que Zanzibar possui mais de 1 milhão e 800 mil habitantes, com uma taxa de crescimento anual de 2,8%. A língua oficial é o suaíli e a língua inglesa assume-se como segundo principal idioma (The United Republic of Tanzania, 2023).

Pode chegar-se a Zanzibar de *ferryboat* por Dar Es Salaam, uma das principais cidades da Tanzânia continental ou por via aérea diretamente até ao aeroporto de Zanzibar (Neto, 2018).

Em 2000, o centro histórico da cidade de Zanzibar (Stone Town) foi declarado Património Mundial da UNESCO, devido à mistura única da sua arquitetura e património com influências árabe, persa, indiana e europeia (Zanzibar Comission for Tourism, 2004). A região possui um forte mercado de especiarias e influências árabes, sendo que mais de 95% da população é muçulmana (Neto, 2018).

Os turistas que chegam à Tanzânia são maioritariamente provenientes da Europa, seguida pela Ásia e Pacífico e Américas (TanzâniaInvest, 2023).

O turismo moderno impulsionou Zanzibar para a criação de vários estabelecimentos hoteleiros, indicando o aumento da atratividade como destino (ZATI, Zati end of year direct tourism arrivals statistics 2014., 2014). A oferta muito rica em Turismo Natural (sejam as praias ou a vida selvagem) valeu-lhe o título de “Principal Destino de África” em 2021 (TanzâniaInvest, 2023).

A economia de Zanzibar é predominantemente agrícola e em 2019, representava 16,4% do PIB (Zanzibar Planning Comission, 2020, pp. 2, 3).

A contribuição do setor do Turismo no PIB da Tanzânia era de 5,7% em 2021 e prevê-se que atingirá 19,5% até 2026, tendo recebido quase 1 milhão e meio de turistas em 2022 cujas receitas geraram mais de 2 milhões e meio de dólares (TanzâniaInvest, 2023). A ilha possui uma oferta turística diversificada, pois os produtos, atividades e atrações atendem a vários tipos de turismo: praia, natureza, cultura e tradição, história e arqueologia, desportos aquáticos, lua de mel, conferências, entre outros (Zanzibar Comission for Tourism, 2004).

O fenómeno turístico em Zanzibar contribuiu para o desenvolvimento de pequenos negócios turísticos (Rotarou, 2014). Segundo o World Bank (2010), mais de 60 mil habitantes trabalham em atividades relacionadas com o Turismo. O desenvolvimento de

competências básicas, como a língua inglesa e a matemática, são preocupações para os gestores.

No entanto, Zanzibar não é só um paraíso turístico. Existem muitas zonas caracterizadas pela pobreza, subdesenvolvimento e degradação ambiental. Zanzibar possui características socioeconómicas que pertencem a dois extremos: por um lado, poucas áreas que apresentam um certo grau de desenvolvimento económico devido à urbanização e industrialização (neste caso, os centros históricos das duas ilhas) e, por outro lado, áreas fortemente subdesenvolvidas e carentes de infraestruturas básicas (Marale, 2013).

Segundo a Tanzania National Bureau of Statistics (2011) citado por Rotarou (2014), 13% da população de Zanzibar vive abaixo do limiar de pobreza alimentar e 49% consome menos do que o nível de necessidades básicas.

Muitos hotéis vendem pacotes de viagem em regime de tudo incluído, o que faz com que os turistas se alimentem e desfrutem apenas dentro dos hotéis, não contribuindo a economia local através da compra direta de produtos ou serviços (Rotarou, 2014). Daí a notoriedade do Turismo de Voluntariado, uma vez que os turistas voluntários optam por comprar produtos e serviços junto da comunidade local e relacionar-se com os habitantes.

O Governo da Tanzânia empenha-se no desenvolvimento e promoção do crescimento turístico sustentável, a fim de preservar os seus recursos naturais e culturais (TanzâniaInvest, 2023). Por exemplo, o Governo Revolucionário de Zanzibar adotou a Agenda 2030 no Plano de Desenvolvimento de Zanzibar (2021-2026) com o tema “Blue Economy for Inclusive Growth and Sustainable Development” (The United Republic of Tanzania, 2023). Procura-se através do crescimento económico gerado pelo Turismo, o desenvolvimento das infraestruturas e a redução da pobreza (ZATI, 2011).

Além do Governo, outras partes interessadas na educação e desenvolvimento de competências têm contribuído desde 2019. O Banco CRDB investiu mais de 90 mil euros no setor da educação. O investimento gerou modernização das infraestruturas, apoio construção de dormitórios e orfanatos no país. Esta melhoria conduziu ao aumento da taxa de conclusão da escolaridade, a melhores níveis de desempenho dos alunos e ao aumento da participação dos pais na prevenção da violência baseada no género e em crianças. A taxa de alfabetização em Zanzibar aumentou de 83,6% em 2015 para 87,4% em 2020. A tendência para ensino pré-primário e primário tem registado aumentos desde 2017 (The United Republic of Tanzania, 2023, pp. 40, 41).

Além disso, o Banco financiou a construção de um centro de saúde comunitário em Kizimkazi, Zanzibar, sendo este um dos três que pretendem construir em Zanzibar (The National Newspaper, 2023). Apontam-se ainda como objetivos a contínua dinamização com parceiros de desenvolvimento, instituições financeiras internacionais e outros atores públicos e privados para permitir maiores investimentos e aceleração do progresso dos ODS (The United Republic of Tanzania, 2023, p. 129), tendo em vista a implementação de um turismo sustentável (Zanzibar Planning Commission, 2020, p. 28).

Veja-se o modo em que CRHope Foundation se relaciona com alguns aspetos anteriormente referidos.

4.2. A história e os fundadores da CRHope Foundation

A CR Hope Foundation é uma organização de caridade, sem fins lucrativos. Foi lançada em 2017 por dois fundadores, Cosiano e Renos, e tinha como objetivo fornecer educação de qualidade para crianças e jovens em Zanzibar, lutando assim contra a pobreza na região (CR Hope Foundation, 2023).

Tudo começou com Cosiano Ismaili Mbise que vendia lembranças aos turistas nas ruas de Arusha (Tanzânia), lutando para sobreviver (CR Hope Foundation, 2023). Em Arusha, Cosiano desejava voltar à escola para melhorar as suas habilidades em inglês, mas não teve escolha a não ser continuar a trabalhar para sustentar a sua esposa e os seus seis filhos pequenos. Um dia, um turista bondoso chamado William Fraser ofereceu a Cosiano possibilidade de aprender inglês por seis meses, além de ajudá-lo a sustentar a sua família enquanto estudava. Este ato aleatório e bondoso fez com que Cosiano melhorasse o seu inglês e conseguisse um emprego num hotel em Zanzibar. Durante os cinco anos seguintes, Cosiano conheceu pessoas de todo o mundo e conseguiu economizar dinheiro suficiente para abrir uma loja própria (CR Hope Foundation, 2023).

Renos Fountoulakis viajava por Zanzibar, em 2016, e comoveu-se com a luta diária que a população local enfrentava e a falta de acesso à educação que as crianças viviam. Decidiu que queria ajudar e casualmente, reuniu-se com Cosiano (CR Hope Foundation, 2023).

Renos pretendia contribuir para aumentar e melhorar a educação em Zanzibar e Cosiano disponibilizou um terreno em Kizimkazi. Foi nesse terreno, através de contribuições

peçoais e apoio financeiros de amigos, familiares e colegas, que nasceu uma escola onde as crianças passaram a poder aprender gratuitamente. Ambos concordaram que seria a forma mais eficaz para ajudar e melhorar o futuro da comunidade local (CR Hope Foundation, 2023).

Assim, graças aos seus dois fundadores, criou-se a CR Hope Foundation, sendo as suas siglas referidas a “C” de Cosiano e “R” de Renos.

4.3. O projeto da escola “Seeds of Light” criado pela CRHope Foundation

O projeto da escola denomina-se “Seeds of Light” e nasceu pela cedência do terreno em Kizimkazi, tal como referido anteriormente. Este projeto local da CRHope, fornece atualmente, a educação de qualidade a 115 crianças, estimulando o seu interesse pelo desporto, desenvolvimento comunitário e liderança (CR Hope Foundation, 2023).

A visão da CRHope é inspirar as crianças a fortalecer a comunidade local, através de uma educação de qualidade e de aprendizagem contínua. Destacam-se como principais objetivos (CR Hope Foundation, 2023):

- Construir 5 salas de aula adicionais até 2025;
- Fornecer material e vestuário às famílias;
- Aumentar a base de voluntários em 40%;
- Matricular 140 alunos até 2024;
- Fornecer painéis solares para eletricidade;
- Recolher 135 mil dólares em angariação de fundos;

A CRHope organiza atividades relacionadas com outras áreas tais como “a energia sustentável, a tecnologia, a robótica e os vários tipos de artes como a música, a dança ou artes manuais” (*Apêndice n°5*).

A organização recebe doações individuais ou corporativas e as suas empresas parceiras aliam-se às iniciativas de Responsabilidade Social desenvolvidas no projeto. Algumas delas são o Airbnb, a Puma, a KGS e a Karriere Tutor. Muito graças a essas doações, em janeiro de 2020, Renos e Cosiano inauguraram a escola “Seeds of Light” e receberam os

primeiros alunos. A construção da escola foi a primeira conquista aplicada pela organização. Além da escola, conseguiram construir a casa para os voluntários que permanecem na ilha durante a sua missão de voluntariado na CRHope (CR Hope Foundation, 2023).

4.3.1. Organizações locais e intermediárias

Distinguem-se dois tipos de organizações: as locais e as intermediárias.

As organizações locais atuam diretamente no local, como o caso da CRHope Foundation. Trabalham diariamente para melhorar a qualidade de vida da população local, por exemplo através da educação, difundindo princípios e valores fundamentais. Por outro lado, são também estas que sentem os constrangimentos e dificuldades dos locais.

O papel da organização local é muito importante, na medida em que esta desenvolve um trabalho nobre e fundamental para as comunidades locais e é indispensável para a ligação entre os locais e os voluntários (*Apêndice nº1*).

Alguns voluntários não se vinculam a nenhuma organização intermediária e apenas pesquisam, de forma independente, durante vários meses por organizações locais. Ainda que, por meio de diferentes organizações, todos se sentem totalmente esclarecidos e integrados (*Apêndices nº1 e nº5*).

As organizações intermediárias funcionam como uma “ponte” entre as organizações locais e os turistas voluntários e assumem uma posição fundamental no que diz respeito à difusão dos programas de voluntariado, angariação de fundos, recrutamento de membros voluntários e monitorização do impacto que estes causam no destino (*Apêndice nº2*).

A organização intermediária “ParaOnde?” tem um papel muito importante porque canaliza muitos voluntários até à organização local, a CRHope Foundation (*Apêndice nº4*). No entanto, não é obrigatório viajar através de uma organização intermediária (*Apêndice nº2*).

Nem todas as organizações realizam formações pré-partida ou workshops, no entanto, são muito benéficos para os turistas voluntários. São momentos inspiradores com o objetivo de consciencializar os voluntários para alguns comportamentos ou constrangimentos que possam acontecer durante a experiência (*Apêndice nº2*).

No meu caso, viajei com a organização intermediária “ParaOnde?” e considero que, por ser a minha primeira experiência de Turismo de Voluntariado, foi vantajoso. Considero ainda que, a formação pré-partida da organização “ParaOnde?” foi fundamental, informativa e muito inspiradora. É de ressaltar a preocupação que têm com os voluntários antes, durante e após a experiência (convites para convívios e eventos da associação). – *com base na experiência vivida em janeiro de 2023 pela autora do trabalho.*

4.3.2. O processo de pesquisa e a tomada de decisão

O processo de pesquisa por programas é, nos dias de hoje, muito facilitado, uma vez que as organizações possuem todos os objetivos e iniciativas descritas nos seus websites. É necessário apenas ter iniciativa e predisposição para realizar as pesquisas sobre as organizações existentes e compreender os valores éticos e morais por detrás de cada uma (Apêndice nº2).

O processo de pesquisa e a decisão para fazer voluntariado varia de entre 2 a 5 meses (Apêndice nº1). Alguns fatores que influenciaram a decisão dos voluntários centraram-se na pesquisa por um programa não muito dispendioso e uma organização credível.

Os turistas voluntários conhecem a CRHope através de amigos que tinham realizado anteriormente ou por iniciativa própria, através de pesquisas online ou das redes sociais (Apêndices nº1 e nº2).

O meu processo de tomada de decisão iniciou em finais de outubro de 2022 e aí iniciou o trabalho de autoanálise e reflexão pessoal. A minha viagem realizou-se a 3 de janeiro 2023 tendo regressado a Portugal três semanas depois. Antes da minha experiência, pesquisei a organização baseada em valores éticos idênticos aos meus, escolhi o projeto com o qual mais me identifiquei, realizei uma entrevista, participei na formação pré-partida e preparei as restantes tarefas incluídas na viagem (pesquisa e compra dos voos, documentos de viagem e administração da vacinação necessária). Não sabia o que iria encontrar, mas mantive as minhas expectativas equilibradas. Não me influenciei por opiniões ou experiências dos outros, nem pensei em desistir por fatores alheios que pareciam “certos” ou “seguros”. Mesmo com dúvidas do que era capaz, fui. A dúvida e a incerteza viajaram comigo e, com eles, desafiei-me e cresci. Destaco três momentos em que senti

um “empurrão” de força. O primeiro, quando atravessei as portas de embarque no aeroporto. O segundo, já em Zanzibar, quando cheguei à casa dos voluntários e estava lá apenas uma voluntária, desejosa que eu chegasse, sem me conhecer, feliz por me ver e afirmando que eu lhe trouxe segurança. O terceiro, quando regressei a Portugal e percebi tinha de voltar à rotina, totalmente diferente do modo de vida a que me tinha acostumado. Por fim, percebi que é possível viajar e ajudar ao mesmo tempo e que se relaciona com o que eu ambiciono para o meu futuro. – *com base na experiência vivida em janeiro de 2023 pela autora do trabalho.*

4.3.3. O perfil dos participantes

A CRHope Foundation é composta por membros de todas as partes do mundo, focados em partilhar experiências e unidos pelo mesmo propósito (*Apêndice nº5*). A maioria dos voluntários da CRHope são portugueses (*Apêndice nº4*).

Conta com mais de 30 membros dedicados diariamente, e voluntários que embarcam na missão da mudança positiva, com vista a um futuro mais brilhante para as gerações futuras (CR Hope Foundation, 2023).

Algumas características que os voluntários devem ter são: coragem, empatia e solidariedade. Devem ainda possuir iniciativa, polivalência e gosto pelo trabalho em equipa (*Apêndice nº1*).

Referiu-se ainda a capacidade de improvisar e agir em contratempos (*Apêndice nº1*).

“A beleza da diversidade e cada pessoa, com as suas diferenças pode acrescentar muito.” (*Apêndice nº3*).

As idades compreendidas dos voluntários durante a minha experiência eram entre os 18 e os 24 anos. Os países de origem eram Portugal, França, Dinamarca e Colômbia. Durante a minha experiência, os voluntários possuíam as características mencionadas acima e vivenciaram-se momentos em que a capacidade de improviso sobressaiu. A meteorologia instável levava à improvisação de algumas atividades, por exemplo, quando os voluntários planeavam atividades exteriores para as crianças. – *com base na experiência vivida em janeiro de 2023 pela autora do trabalho.*

4.3.4. Motivações

É comum que alguns voluntários iniciem as suas atividades de voluntariado nos seus países de origem (*Apêndice n°1*). No entanto, entre realizar voluntariado nacional ou internacional, assume-se que o último é mais apelativo e chega até a ser transformador (*Apêndice n°1*).

As motivações dos voluntários são realizar sonhos, a vontade de contribuir para ajudar os povos carenciados, conhecer uma nova cultura ou sentir-se útil na sociedade (*Apêndices n°1 e n°2*).

A idade, a fase de vida, o país de origem ou a educação são alguns fatores que podem contribuir para as diferentes motivações (*Apêndice n°1*).

Existem diferentes perceções sobre o que é o Voluntariado Internacional, logo as motivações e as expectativas vão também ser distintas, mesmo que o objetivo comum seja contribuir para a organização. “*Por exemplo, um voluntário motivado pela autodescoberta vai procurar ter mais experiências em autodescoberta. Um voluntário motivado pela cultura de um país, vai procurar passar mais tempo a enriquecer culturalmente.*” (*Apêndice n°2*).

Adicionalmente, foi possível perceber que a melhoria do currículo ou a procura pela autodescoberta são motivações comuns. É legítimo ter mais do que uma motivação e deve procurar-se não invalidar as motivações dos outros (*Apêndice n°2*).

Tal como referido anteriormente, não só a geração em que os turistas voluntários se inserem, mas também o seu segmento de mercado influencia as suas motivações. Por exemplo, algumas empresas portuguesas disponibilizam dias de férias extra aos colaboradores para estes se aventurarem em experiências de Turismo de Voluntariado (*Apêndice n°3*).

As motivações para a minha viagem estavam relacionadas com a vontade de ter uma experiência de Turismo de Voluntariado e a conclusão da presente investigação. Para tal, conciliei as férias anuais dos meus dois empregos para realizar Turismo de Voluntariado durante três semanas, em Zanzibar, na Tanzânia. – <i>com base na experiência vivida em janeiro de 2023 pela autora do trabalho.</i>
--

4.3.5. Dificuldades antes, durante e após a experiência

Antes da experiência

Os jovens interessados em Turismo de Voluntariado destacam como dificuldade a pouca disponibilidade financeira. Apesar de existirem projetos subsidiados ou remunerados, são os que exigem também mais requisitos. Os fundos europeus garantem subsídios aos jovens para atividades voluntárias na Europa, no entanto, os turistas voluntários “*têm mais preferência por projetos noutros continentes*” (Apêndice n°2). As organizações locais não têm suporte financeiro suficiente para arrecadar com o custo dos voos dos voluntários, sendo esta a principal razão para Turismo de Voluntariado não ser gratuito (Apêndices n°2 e n°3).

Durante a experiência

Os voluntários não sentem qualquer dificuldade durante a experiência (Apêndice n°1). Talvez porque “A CRHope tenta estar sempre presente e disponível para os ajudar.” (Apêndice n°5).

A partilha nas redes sociais foi assumida como um possível constrangimento devido à falta de compreensão por parte dos seguidores e às opiniões negativas alheias (Apêndice n°2). Apesar de este sentimento ser comum entre os interessados, trabalhando com uma organização, o *engagement*¹ que a partilha gera tem muita importância (Apêndices n° 2, n°3, n°4 e n°5).

Tanto a organização local como a organização intermediária pediram que partilhássemos o trabalho diário e as atividades que desenvolvíamos, de modo a divulgar o projeto a um maior público. No meu caso, pude constatar que teve efeitos muito positivos, quer informativo quer motivador/comportamental. – *com base na experiência vivida em janeiro de 2023 pela autora do trabalho.*

¹ **ENGAGEMENT:** Engajamento é um conceito que descreve o nível de envolvimento e conexão entre uma empresa e as suas partes interessadas, incluindo clientes, funcionários, parceiros e investidores (IdeaApe, 2024)

Após a experiência

Viver um determinado período de tempo em realidades diferentes da nossa, pode gerar choques emocionais e conseqüentemente, sentimentos como tristeza, desmotivação ou até depressão (*Apêndice n°2*). De forma a pensar no bem-estar dos voluntários, algumas organizações disponibilizam consultas com psicólogos no pós-experiência voluntária, como o caso da organização intermediária “ParaOnde?” (*Apêndice n°2*).

4.3.6. A conciliação e o equilíbrio entre o Turismo e o Voluntariado

Os participantes consideram-se turistas voluntários, admitindo que todos fizeram a divisão do seu tempo entre explorar o destino turístico e estar presente na escola (*Apêndice n°1*).

As organizações assumem que o local onde o projeto é implementado cativa os turistas voluntários e que o Turismo de Voluntariado se traduz numa oportunidade para explorar um novo local e ajudar, ao mesmo tempo (*Apêndices n°3, n°4 e n°5*).

Apesar de Turismo e Voluntariado serem dois temas diretamente relacionados, deve manter-se a noção da diferença dos conceitos e não esquecer o propósito da viagem, que, para as organizações, é o voluntariado internacional (*Apêndice n°3*).

O conhecimento do mundo que nos rodeia e ter a possibilidade de ter um papel interventivo nele são dois pilares importantes para o desenvolvimento pessoal (*Apêndice n°3*).

A minha experiência foi igualmente dividida, mas muito enriquecedora, na medida em que contribuí com atividades voluntárias e explorei a ilha no tempo livre. Durante a semana, as manhãs eram passadas na escola “Seeds of light” enquanto voluntária, colaborando e lecionando nas salas de aula ou no recreio a dinamizando atividades, ajudando com tarefas de limpeza de salas ou ainda, distribuindo os lanches às crianças. As tardes e os fins-de-semana estavam livres para viajar pela ilha e foram nesses momentos que realizei várias atividades turísticas tais como: almoçar em restaurantes locais, fazer tours para conhecer outras ilhas, nadar com golfinhos e fazer snorkeling em recifes de corais, caminhar por bairros e visitar centros históricos, andar de autocarro local, comprar souvenirs e pernoitar em hotéis ou alojamentos locais se estivesse afastada de Kizimkazi. Fiz amizade com vários habitantes locais e até jantei nas suas humildes

casas. Desta forma, vivenciei e comprovei a clara conciliação dos dois temas. Não foi só viajar, foi viajar com um propósito. – *com base na experiência vivida em janeiro de 2023 pela autora do trabalho.*

4.3.7. O impacto gerado pelos voluntários e o seu contributo para a comunidade local

O impacto gerado pelos voluntários nas organizações e nas comunidades locais pode ser muito variável. Por norma, quanto maior o desafio dos voluntários, maior a possibilidade de gerar um impacto benéfico para as comunidades (*Apêndice n°2*).

Quer as organizações locais, quer as organizações intermediárias têm uma grande responsabilidade no que diz respeito à avaliação do impacto gerado pelos voluntários na comunidade local.

Os valores da CR Hope foram bem definidos desde o início, e há uma constante preocupação em avaliar os impactos dos programas (CR Hope Foundation, 2023).

Trimestralmente, a organização intermediária “ParaOnde?” pede às organizações locais que lhes facultem o *feedback* do impacto dos voluntários na organização (*Apêndice n°2*).

Dada a ligação dos temas Turismo e Voluntariado, por vezes, a motivação duvidosa pode gerar maus *feedbacks* e impactos negativos para as comunidades, como se sucedeu no período de pandemia Covid-19 (*Apêndice n°3*).

No entanto, existem alguns projetos de curta duração cujo impacto do voluntário para as comunidades pode ser menor, uma vez que são projetos delineados e preparados para receber voluntários semanalmente e de forma mais circular, sem causar tanto impacto direto na organização e na comunidade que os recebe (*Apêndice n°2*).

Os voluntários participam nas iniciativas e programas semanais, sejam elas organizar campeonatos de jogos e danças ou preparar e limpar os espaços para as refeições e para as atividades letivas (*Apêndice n°5*). Para além da sua ajuda voluntária na escola, os voluntários envolvem-se com a comunidade local na limpeza de praias, na plantação com a ajuda da população, visitam e apoiam orfanatos localizados em Zanzibar (*Apêndice n°5*).

Mesmo que o impacto do voluntário pareça pouco significativo é importante procurar falar sobre o assunto, desmistificar opiniões, compreender as necessidades locais e recolher o máximo de informação possível no terreno. Isto ajudará as comunidades locais, as organizações de voluntariado internacional e os seus gestores e ainda os próprios voluntários (*Apêndice nº3*).

4.3.8. Feedback dos voluntários e da organização

Os voluntários referem que pretendem repetir a experiência com amigos ou familiares (*Apêndice nº1*). Referiu-se ainda que a experiência fora “... *a melhor experiência da minha vida e sinto que vai marcar um antes e um depois.*”

Os gestores de voluntariado das organizações reúnem mensalmente para analisar o *feedback* e o impacto dos voluntários na organização (*Apêndices nº3 e nº5*).

O *feedback* que as organizações têm dos voluntários é muito positivo e destacam que o seu contributo é muito vantajoso para as organizações, não só pela doação monetária que é implementada na melhoria da qualidade da educação, nas infraestruturas da escola e na remuneração do staff, como também através da mensagem que difundem nos seus países junto dos seus amigos e familiares (*Apêndices nº4 e nº5*). “*É com a ajuda deles que se programam todas as atividades para as crianças. Alguns voluntários apadrinham crianças e apoiam-nas ao longo da vida, outros são também embaixadores da fundação.*” (*Apêndice nº5*).

Alguns voluntários adiam o regresso a casa e prolongam a sua estadia nas organizações. É comum regressarem “(...) meses ou anos depois para nos visitar.” (*Apêndice nº5*).

Foi a minha primeira experiência de Turismo de Voluntariado e redescobri-me noutra lugar do mundo. Percebi gosto de viajar e ajudar ao mesmo tempo. Viajei em janeiro e em maio regressei, mas apenas em Turismo e em visita ao projeto. O destino da experiência é muito importante porque pode acabar por se tornar uma segunda casa. – <i>com base na experiência vivida em janeiro de 2023 pela autora do trabalho.</i>
--

5. Recomendações e conclusões

Este capítulo pretende estabelecer algumas recomendações e conclusões com base nos factos e opiniões recolhidas, bem como na experiência vivida localmente.

Estudar os impactos que este tipo de turismo gera é particularmente importante, devido ao crescimento da sua procura e potencial expansão ao longo dos próximos anos, assume-se fundamental estudá-la *in loco*, para obter perspectivas eficazes.

Traçar um único perfil ou motivações de turistas voluntários é uma tarefa difícil, uma vez que estes podem variar consoante a idade e geração em que se inserem, o modo de vida nos países de origem e os traços de personalidade de cada um. Os turistas voluntários podem possuir algumas características semelhantes entre si, sendo uma delas o gosto por viajar.

O recrutamento e o processo de monitorização dos impactos dos voluntários nas organizações assumem-se corretamente estudados e aplicados, no sentido em que as organizações procuram analisar os impactos mensalmente ou trimestralmente para melhor responder às necessidades das comunidades. Compreender as suas preocupações, criar ações vantajosas e recrutar voluntários empenhados assume-se imprescindível para criar um impacto positivo.

Uma das principais recomendações a retirar desta investigação prende-se com a necessidade imperativa de apostar e investir em Zanzibar como destino de Turismo de Voluntariado, não só pelo seu elevado potencial turístico que se assume um atrativo importante para este segmento, como também pela necessidade urgente de contribuir para causas sociais, que neste caso foi a educação da comunidade de Kizimkazi.

De seguida e, uma vez que a maior dificuldade detetada para os potenciais turistas voluntários foi a pouca disponibilidade monetária para realizarem uma experiência de Turismo de Voluntariado, frisar que a iniciativa e predisposição para realizar as pesquisas sobre as organizações existentes são fundamentais, assim como compreender os valores éticos e morais por detrás de cada uma. Analisar as necessidades de cada projeto e conciliá-las com as competências individuais. Isto minimizará as probabilidades de desistência, e consequentemente a perda do valor monetário investido. O processo de pesquisa e, posteriormente, de tomada de decisão costumam ser demorados, o que pode ser vantajoso e antónimo de uma ação impulsiva.

Logo depois, demonstrar às organizações a importância que as formações pré-partida têm. As que não possuem, deveriam criar mais iniciativas para que os voluntários se sintam totalmente integrados nas causas que vão apoiar. As formações são muito úteis e inspiradoras e, se as organizações utilizarem exemplos de experiências negativas de ex-voluntários estarão novamente, a minimizar o risco de más experiências futuras, uma vez que os voluntários irão viajar menos iludidos, com níveis de expectativas mais baixos e mais recetivos aos desafios que possam enfrentar.

Por último, tal como se comprovou, a adesão de turistas aos projetos de Turismo de Voluntariado está em exponencial crescimento e, na maioria, os voluntários adoram a experiência e pretendem voltar. Incentivar a partilha nas redes sociais, quer por parte dos voluntários, quer por parte das organizações, pode conduzir ao aumento do conhecimento sobre os projetos e notoriedade das organizações. O *engagement* das redes sociais pode gerar efeitos muito positivos para os projetos e, uma vez que o impacto gerado para as comunidades locais é muito positivo assim como o *feedback* das organizações sobre a receção de novos voluntários, estas devem procurar manter-se ativas no digital. Por outro lado, as organizações deveriam procurar novas estratégias de promoção e difusão dos projetos voluntários, por exemplo, através das AV, dos OT ou de iniciativas por parte das entidades públicas.

Pretendo destacar ainda que, no dia 14 de novembro de 2023 entrei em contacto com a Joana Pereira da organização intermediária “ParaOnde?” para melhor compreender alguns efeitos do workshop realizado aos potenciais interessados. Foi possível concluir que, até à data, dos 39 participantes, 8 inscreveram-se para fazer voluntariado internacional em 2024, a maioria para o projeto de Zanzibar, podendo esta adesão estar relacionada também com o meu contributo no *workshop*.

Restam-me apresentar algumas conclusões relativas à elaboração da presente dissertação.

Em primeiro lugar, gostaria de concluir que a minha experiência em Zanzibar foi muito positiva, pois não só possibilitou a visualização de aspetos fundamentais para o desenrolar da investigação como permitiu uma concretização pessoal. Recomendo vivamente a experiência *in loco* em estudos semelhantes.

Embora o estudo contenha informação retirada de outros estudos sobre o Turismo de Voluntariado e informação referente à minha experiência em janeiro de 2023, gostaria de destacar algumas limitações sentidas.

A investigação poderia ter sido mais abrangente se tivesse tido a possibilidade de analisar este fenómeno localmente durante mais tempo, e até com mais voluntários, de um leque de países de origem maiores. Gostaria também de ter tido a possibilidade de aprofundar mais a visão da comunidade local, e quem sabe entrevistar pais ou mães das crianças. Gostaria também de realizar um estudo mais concreto em Portugal e criar estratégias para que este tipo de turismo adquira mais força. Pude comprovar também, através das minhas redes sociais, durante a minha experiência, que muitos jovens têm interesse em realizar este tipo de turismo, alguns até em formato de “sonho” ou desafio pessoal, mas que pela questão monetária não o fazem.

Comprovou-se que algumas empresas (inclusive portuguesas) já apoiam este fenómeno e adotam estratégias como viagens em Turismo de Voluntariado para aumentar as boas ações, produtividade e motivação dos colaboradores.

A história da fundação da CRHope é uma inspiração e um exemplo deste fenómeno turístico aliado ao Voluntariado, ressaltando também o papel interventivo da “ParaOnde?” em projetos de promoção de Turismo de Voluntariado.

Apresentam-se, a partir de registos fotográficos efetuados pela autora do trabalho, evidências de alguns momentos vivenciados durante a experiência de Turismo de Voluntariado, em Kizimkazi (*Apêndice nº8*).

Em suma, espero ter contribuído de forma positiva para o conhecimento das diferentes perspetivas neste tipo de Turismo, bem como as motivações e dificuldades relacionadas ao mesmo. Foi um enorme prazer ter terminado este Mestrado a cooperar com uma área que me fascina tanto. Ajudar e ter um papel mais interventivo na sociedade, associando-se ao Turismo faz parte de um gosto pessoal. Ansiando que num futuro próximo possa exercer uma profissão ligada a este segmento.

Figura 3: Colaboradores da escola "Seeds of Light"



Figura 4: Alunos da turma KG1 da escola "Seeds of Light"



Fonte: Própria

“Agora em casa, sinto que deixei lá ficar um pedacinho do meu coração. E é tão bom. Porque a vida é isso mesmo. Deixar um bocadinho de nós, em lugares e pessoas.”

Mariana de Aragão

Viana do Castelo, 31 de janeiro de 2023

Bibliografia

- Acácio, C. (2007). Do Voluntariado na Ação Social. Ministério da Segurança Social e do Trabalho, *Sociedade e Trabalho*, N°32, pp.8-15.
<http://www.gep.mtsss.gov.pt/documents/10182/67990/rst32.pdf/58f0c263-9aa5-4a578701-79415e1c2725>
- Allum, C. (2007). *Voluntariado e cooperação internacional: Novos desenvolvimentos em modelos de programas*. Artigo apresentado na Conferência IVCO 2007, Montreal, Canada.
- Araújo, J. (janeiro de 2023). *We4Youth: A Mediação na capacitação de jovens voluntários/as*. Relatório de Estágio, Mestrado em Educação, Universidade do Minho.
- Bakker, M., & Lamoureux, K. (2008). *Volunteer Tourism - International, Travel & Tourism Analyst*, N°16. Londres.
file:///C:/Users/maria/Downloads/Volunteer_Tourism_-_International_September_20081.pdf
- Barbosa, A., & Carvalho, P. (2016). Turismo Voluntário em Portugal: a Solidariedade como Fator de Deslocação.
https://www.researchgate.net/publication/311426688_Turismo_Voluntario_em_Portugal_a_Solidariedade_como_Fator_de_Deslocacao
- BCSD. (2023). Business Council for Sustainable Development: *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. <https://ods.pt/bcsd-portugal/>
- Benjamin, J. (2019). International Volunteer Service. University of Illinois.
file:///C:/Users/maria/Downloads/International_Volunteer_Service_2019_archive.pdf
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2010). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. . Porto. Porto Editora.
- Calado, S. (2019). *Turismo de Voluntariado: viajar e... mudar o mundo*. Sapo News:
<https://eco.sapo.pt/2019/08/20/turismo-de-voluntariado-viajar-e-mudar-o-mundo/>

- Campaniço, P. (outubro de 2010). Turismo de Voluntariado: a perspectiva do Voluntariado no Turismo. Universidade da Beira Interior, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Care. (2023). Obtido de <https://www.care.org/about-us/>
- Carvalho, I. (2015). O Turismo Acessível: estratégias de adaptação de uma cidade. Universidade de Lisboa.
- Conselho da União Europeia. (2011). *Comunicação sobre as Políticas da UE e o Voluntariado: Reconhecer e Promover as Actividades de Voluntariado Transfronteiras na EU*, Bruxelas, pp. 1-13
- Coutinho, C. (2011). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, Almedina, pp.9-41.
- CR Hope Foundation. (14 de novembro de 2023). Obtido de <https://www.crhopefoundation.org/>
- Creswell. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. tradução Luciana de Oliveira da Rocha. (2ª edição), Porto Alegre: Artmed Editora, PP.1-18.
- Creswell. (2010). *Seleção de um projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (3ª edição), Artmed Editora, pp. 27-35.
- Cruz, J. (2016). Turismo Solidário e Serviço Voluntário Europeu. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Devereux, P. (2010). International volunteers: Cheap help or transformational solidarity toward sustainable development. Murdoch University, Perth, Australia.
- Diário da República. (1998). *Lei N.º 71/98 de 3 de Novembro – Bases do enquadramento jurídico do Voluntariado*. Diário da República I Série - A, N.º 254. pp. 2594-2596.
- European Travel Commission. (2020). *Study on Generation Z Travellers*. Bruxelas. www.etc-corporate.org
- Faria, A. (2019). *Voluntariado: "Comparado com o que levei, trouxe muito mais"*. JPN - JornalismoPortoNet, Universidade do Porto.

- Ferreira, M., Proença, T., & Proença, J. (2008). *As motivações do trabalho voluntário*. Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão, N.º 3, Lisboa, pp. 43-53.
- Figueiredo, M., & Amendoeira, J. (2018). *O estudo de caso como método de investigação em enfermagem*. Revista da UIIPS - Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, Vol. VI, N.º 2, pp. 102-107.
- Gatti, B. (2005). *Grupo Focal em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro Editora.
- Guerreiro, M., & Abrantes, P. (2004). *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa.
- Halba, B. (2003). *Bénévolat et volontariat en France e dans le monde, Collection Les etudes*. N.º11. Paris, La documentation Française.
- Hodgkinson, V., Weitzman, M., Abrahams, J., Crutchfield, E., & Stevenson, D. (1996). *Nonprofit almanac: Dimensions of the independent sector*. San Francisco.
- Igea, Agustín, Beltrán, & Martín. (1995). *Técnicas de investigación en ciencias sociales*.
- IPJ. (2002). Instituto Português da Juventude. *Cacterização dos Voluntários: o Perfil dos Voluntários Jovens*. Comissão Nacional para o Ano Internacional do Voluntariado, Lisboa.
- Jacinto, L. (2020). *Evolução do Voluntariado em Portugal (2002-2020)*. Edição Temática: Ciências Sociais e Humanas. Revista da UI_IPSantarém, N.º8, pp. 157-168.
- Krippendorff, J. (1987). *Les vacances et après? Pour une nouvelle comprehension des loisirs et Des Voyages*, Collection Logiques Sociales, Paris: Editions L'Harmattan.
- Laurie, N., & Baillie Smith, M. (2018). Unsettling geographies of volunteering and development. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 43(1), 95–109.
- Lima, R. (2022). *A história da Worldpackers: como e por que o projeto nasceu?* Obtido de <https://www.worldpackers.com/pt-BR/articles/a-historia-da-worldpackers>
- Machin, J. (2008). *The impact of returned international volunteers on the UK: A scoping review*. Institute for Volunteering Research, London.

- Marale, S. (2013). *Strategies for coastal ecosystem management in India*. Environmental Development Sustainability. Brussels, v. 15, p. 23–38.
- Marques, M. (2016). As motivações para o voluntariado. Coimbra.
- McBride, A., Benítez, C., & Sherraden, M. (2003). *The forms and nature of civic service: A global assessment*. St. Louis, Washington University.
- McCurley, S., & Lynch, R. (1998). *Essential Volunteer Management. (2nd Edition)*. London: Directory of Social Change, London.
- Mcgehee, N., & Santos, C. (2005). *Social Change, Discourse, and Volunteer Tourism, in: Annals of Tourism Research*, N° 32, Vol. 3, pp. 760-779.
- Minayo, M. (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro. Vozes.
- Montepio. (2022). *5 organizações de ajuda humanitária que deve conhecer*. Obtido de <https://www.montepio.org/ei/economia-social/voluntariado/5-organizacoes-de-ajuda-humanitaria/>
- Montepio. (2022). *8 sites úteis de voluntariado internacional*. <https://www.montepio.org/ei/economia-social/voluntariado/9-sites-uteis-de-voluntariado-internacional/>
- Neto, A. (2018). *Zanzibar: O arquipélago dos cheiros, sabores e cores*. Rhino Africa: <https://blog.rhinoafrica.com/pt/2018/01/26/zanzibar-o-arquipelago-dos-cheiros-sabores-e-cores/>
- Oliveira, G., Cunha, A., Cordeiro, E., & Saad, N. (2012). *Grupo focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa?*. Porto Alegre.
- OMT. (2002). Organização Mundial do Turismo. *Le tourisme et la réduction de la pauvreté*.
- Para Onde. (2023). <https://paraonde.org/sobre/>
- Perold, H., Mavungu, E., Cronin, K., Graham, L., Muchemwa, L., & Lough, B. (2011). *International voluntary service in Southern African Development Community (SADC): Host organisation perspectives from Mozambique and Tanzania. Johannesburg*. Volunteer and Service Enquiry Southern Africa (VOESA).

- Quinta, M. (2016). Antecedentes da intenção de praticar Voluntariado Jovem: um estudo empírico em Portugal. IPP, Porto.
- Rea, L., & Parker, R. (2000). Metodologia de pesquisa: Do planeamento à execução. S.Paulo: Pioneira.
- Rotarou, E. (2014). *Tourism in Zanzibar: Challenges for pro-poor growth*. Caderno Virtual de turismo. Rio de Janeiro, V. 14, Nº.3, pp. 250-265.
- SCI. (2023). Service Civil International: <https://sci.ngo/>
- Serapioni, M., Lima, T., & Ferreira, S. (2013). Voluntariado em Portugal - contextos, atores e práticas. Universidade de Coimbra.
- Severino, A. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez Editora.
- Silva, A. (2012). Motivações e Efeitos do Voluntariado Jovem: Fatores de Retenção Organizacional. Escola de Ciências Sociais e Humanas, Instituto Universitário de Lisboa.
- Silva, C. (2011). A Imagem dos Destinos Turísticos de Montanha. Olhares dos residentes e dos Turistas. Tese de Doutoramento em Turismo. Universidade de Aveiro.
- Silvestre, H., & Araújo, J. (2012). *Metodologia para a investigação social*. Escolar Editora.
- Souza, P., Barcelos, A., & Lamas, S. (2018). *Turismo em Voluntariado: A busca pela compreensão do Volunturismo*. Revista Brasileira do EcoTurismo.
- TanzâniaInvest. (2023). *Tanzania Tourism Arrivals*. <https://www.tanzaniainvest.com/tourism>
- The National Newspaper. (2023). *Why Mwinzi teamed up with NBC in building Kizimkazi Health Centre*. Obtido de Daily News. <https://dailynews.co.tz/why-mwinzi-teamed-up-with-nbc-in-building-kizimkazi-health-centre/>
- The United Republic of Tanzania. (2023). *Tanzania's 2023 Voluntary National Review (VNR) Report on the implementation of the 2030 Agenda for sustainable development*. Tanzania.
- Triviños, A. (1987). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em educação: a prática reflexiva*. São Paulo: Atlas.

- UNWTO. (2022). *A Youth-led Recovery of Global Tourism - Priorities and Recommendations*. Madrid, <https://www.e-unwto.org/doi/10.18111/9789284423705>
- Vilelas, J. (2020). *Investigação, o processo de construção do conhecimento*, 3ª edição. Edições Sílabo.
- World Bank. (2010). *Tourism product development interventions and best practices in sub-Saharan Africa*: South Africa: World Bank.
- World Tourism Organization. (2011). *Affiliate Members Global Report, Volume 2 - The Power of Youth Travel*. Obtido de Madrid: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284414574>
- Yin. R. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. trad. Daniel Grassi - 2ª edição. - Porto Alegre: Bookman.
- Yin, R. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zanzibar Comission for Tourism. (2004). *Zanzibar tourism policy statement*. Zanzibar Comission for Tourism.
- Zanzibar Planning Comission. (2020). *The Revolutionary Government of Zanzibar. Zanzibar Blue Economy Policy*.
- ZATI. (2011). *Responsible tourism Tanzania seminar*. Arusha Coffee Lodge.
- ZATI. (2014). *Zati end of year direct tourism arrivals statistics*. Zanzibar.

Apêndices

Apêndice 1) Grupo de foco aos voluntários

Apêndice 2) Grupo de foco aos potenciais voluntários

Apêndice 3) Entrevista à gestora de voluntários internacionais da “ParaOnde?”

Apêndice 4) Entrevista à gestora de voluntários internacionais da “CRHope Foundation”

Apêndice 5) Entrevista ao diretor da escola “Seeds of Light”

Apêndice 6) Guia de questões para o grupo de foco com voluntários

Apêndice 7) Guia de questões para entrevistas às organizações

Apêndice 8) Registos fotográficos como evidências (produção própria)

Apêndice 1) Grupo de foco aos voluntários

Data e hora: 23 de janeiro de 2023, às 18:00h de Zanzibar (15:00h em Portugal Continental) |

Participantes: Ex-voluntários

| **Modo e local de realização:** Presencial, na casa dos voluntários em Kizimkazi, Zanzibar (Tanzânia)

| **Facilitadora:** Mariana Aragão (autora do trabalho) |

Tabela informativa sobre os participantes:

Nome	Idade	País de Origem
Clara Guerra	18 anos	Portugal
Victor Leblond	20 anos	França
Maj Signe Bjerge	23 anos	Dinamarca
Kathrine Hansen	24 anos	Dinamarca
Emilia Egede	23 anos	Dinamarca
Nathalia Filtenborg	23 anos	Dinamarca
Ana María Muñoz	23 anos	Colômbia

O Grupo de foco 1 foi elaborado *in loco*, contando com a presença de sete voluntários da CRHope Foundation em janeiro de 2023, ou seja, todos vivenciavam a experiência no momento da sua realização. Teve como finalidade a criação de um momento de discussão e partilha de opiniões sobre o Turismo de Voluntariado. Os voluntários possuíam idades compreendidas entre os 18 e 24 anos e através das suas nacionalidades diferentes, foi possível obter uma melhor perceção de como o tema pode ser visto também de diferentes perspetivas nos vários países.

A primeira partilha disse respeito às motivações de cada um para a realização de Turismo de Voluntariado e à fase da vida/tempo disponível para tal.

- Victor, francês, decidiu dispensar da pausa letiva da sua universidade na Coreia do Sul, para realizar voluntariado, de forma intensiva, durante dois meses em Zanzibar;

- Clara, portuguesa e a mais jovem voluntária, tirou um mês do seu *gap year* entre o final do secundário e o início da licenciatura;
- Ana, colombiana, tomou a decisão de fazer voluntariado durante três semanas e, sem se vincular a uma organização intermediária, pesquisou, de forma independente, durante vários meses por organizações locais, até que chegou à CRHope Foundation através de um vídeo que tinha visualizado na *app TikTok*;
- Maj, Kathrine, Emilia e Nathalia, dinamarquesas, encontravam-se a realizar voluntariado por tempo indefinido e por vários países do mundo;
- Por fim, o meu exemplo que conjuguei três semanas de férias laborais, a fim de, simultaneamente, realizar um desafio pessoal e concluir a presente investigação.

Os temas seguintes foram apresentados com base num guia semiestruturado (*Apêndice 6*) de tópicos flexíveis que deveriam ser discutidos de forma livre, criando um clima confortável com os participantes. A duração do mesmo foi de cerca de uma hora e 10 minutos.

Contributo das organizações no Turismo de Voluntariado

“A contribuição das organizações é fundamental, sobretudo para as crianças mais novas, com 4 ou 5 anos, uma vez que eles estão a aprender a falar e a escrever, é extremamente necessário ajudá-las e acompanhar o seu progresso.” – Victor Leblond (traduzido).

“Considera-se que as organizações locais desenvolvem um trabalho nobre e fundamental para as comunidades locais e são indispensáveis no contexto social, para estabelecerem a conexão entre os locais e os voluntários.” – Emilia Egede (traduzido).

“As organizações intermediárias são importantes, pois para além de uma formação pré-partida, estiveram sempre dispostas a ajudar em todas as etapas da viagem. No meu caso, para uma primeira viagem deste género e principalmente, sozinha, considero que se tornou bastante útil, desde à informação sobre voos, seguros e vistos, à preocupação que tiveram comigo até ao regresso ou mesmo depois, com convites para convívios e eventos da associação.” - Clara Guerra.

Síntese: Todos reconhecem a importância que as organizações têm na prática de um Turismo de Voluntariado sustentável. Primeiramente, distinguiram-se dois tipos de organizações: as locais e as intermediárias. As locais, que atuam permanentemente na vida local e trabalham diariamente para melhorar a qualidade de vida da população local, por exemplo através da educação, difundindo princípios e valores fundamentais. Contudo, são também estas quem atua diretamente nos constrangimentos e dificuldades vividas pelos locais, portanto, as suas funções são indispensáveis. Por outro lado, as intermediárias assumem uma posição de igual importância, no que diz respeito à difusão dos programas de voluntariado, angariação de fundos, recrutamento de membros voluntários e monitorização do impacto que estes causam no destino. Nesta experiência específica ressalva-se a importância da organização local “CRHope Foundation” na sua missão em garantir o acesso à educação e da organização intermediária “ParaOnde?” que promove centenas de projetos de voluntariado em todo o Mundo, nas mais variadas áreas de intervenção. Com ambas as organizações todos se sentiram totalmente integrados, trabalhando rumo ao mesmo, como uma verdadeira equipa.

Perfil dos voluntários e o que os conecta

“Todos têm em comum a vontade de ajudar e a determinação necessária para criar mudança e impactos positivos na comunidade.” – Clara Guerra.

“O trabalho em equipa e a empatia pelo outro.” – Maj Bjerge (traduzido).

“A capacidade de improvisar e agir em contratempos, por exemplo, nos jogos exteriores que elaborámos para as crianças, mas quando chove não podemos realizá-los.” – Victor Leblond (traduzido).

“Polivalência e iniciativa. Mas acho que todos temos estas qualidades em comum, mas cada um terá as suas características únicas que enriquecem um grupo de voluntários. Uma das qualidades que realço é a empatia que desenvolvemos com a comunidade, é algo inexplicável poder ver e sentir os sorrisos daquelas crianças.” – Ana María Muñoz (traduzido).

Síntese: Não foi muito difícil chegar a um consenso sobre o perfil ideal de um voluntário, uma vez que as opiniões partilhadas foram muito semelhantes. Todos os seres humanos são diferentes e únicos.

Adesão ao voluntariado nacional VS internacional

“Apoio causas de voluntariado no meu país, para os mais desfavorecidos ou para animais. Ambos os tipos de voluntariado são importantes, mas o voluntariado internacional é mais apelativo principalmente para os jovens, porque podemos viajar e conhecer pessoas novas.” – Victor Leblond (traduzido).

“Realizar voluntariado internacional é diferente pela descoberta de um lugar e uma cultura diferente” e “I think that international volunteering can be more attractive due to the fact of knowing a different culture, new landscapes and new people, but it is important to help in the same way in our countries.” – Ana María Muñoz (traduzido e original).

“Nós somos sem dúvida turistas voluntários visto que até à Tanzânia continental já fomos fazer um safari. Mas tenho amigos que preferem fazer voluntariado em Portugal, porque não seriam capazes de vir para a Tanzânia sozinhos.” – Clara Guerra.

Síntese: Vários voluntários já tinham realizado atividades de voluntariado em território nacional. Especialmente, somos de países diferentes, mas no fundo, vivemos todos no mesmo lugar e temos de nos ajudar mutuamente.

Processo de pesquisa, tomada de decisão e dificuldades

“O processo é longo, então tem de ser pensado com antecedência. Em termos de dificuldades, não senti. É só acordar e dar o melhor de mim. Mesmo sendo voluntário que não tem experiência para ensinar, posso ser muito útil.” – Victor Leblond (traduzido).

“No processo de pesquisa tive uma dificuldade que foi encontrar um programa fiável e uma organização credível. Alguns programas eram muito caros.” – Ana María Muñoz (traduzido).

“Decidi tomar a decisão de vir porque conhecidos meus já tinham vindo e adoraram.” – Clara Guerra.

“O que me ajudou a tomar a decisão foi a minha principal motivação: realizar um sonho.” – Nathalia Filtenborg (traduzido).

Síntese: O processo de pesquisa e decisão de fazer voluntariado durou entre 2 a 5 meses a todos os voluntários. Viajar em voluntariado é aprender mais do que se ensina.

Turistas voluntários

“Associar o desejo de viajar a uma iniciativa como fazer voluntariado é a combinação perfeita.” – Clara Guerra.

“Viajar em lazer no tempo livre, mas saber que durante a semana somos úteis e contribuímos com o melhor de nós é uma sensação enriquecedora.” – Ana María Muñoz (traduzido).

“Quando regressar a casa, vai restar a consciência de que tenho tudo o que necessito e a minha missão foi cumprida com sucesso.” – Kathrine Hansen (traduzido).

Síntese: Todos se consideraram turistas voluntários, porque visitavam a ilha no seu “free time”.

Feedback e vontade de repetir a experiência

“Sim, adorava regressar numa próxima com a minha família.” – Victor Leblond (traduzido).

“Gostava de voltar um dia com os meus amigos e ver como as crianças vão estar crescidas.” – Clara Guerra.

“Como está a ser uma experiência com tanto significado vou querer voltar com a minha família para que eles percebam este espaço e estas pessoas que estão a ser tão importantes na minha vida. Está a ser a melhor experiência da minha vida e sinto que vai marcar um antes e um depois.” – Ana María Muñoz (traduzido).

Síntese: Todos referem o enorme desejo que fica em repeti-la e, das próximas vezes, levar família ou amigos consigo.

Apêndice 2) Grupo de foco aos potenciais voluntários

Data e hora: 13 de setembro de 2023, das 18:00h às 21:00h de Portugal Continental |

Número e caracterização geral dos participantes: 39 indivíduos com interesse em Voluntariado Internacional

| **Modo e local de realização:** Workshop online, facilitado pela Organização “ParaOnde?” |

Título: “Voluntariado Internacional. É para mim?”

O Grupo de foco 2 resulta da participação num Workshop relacionado com o Turismo de Voluntariado, organizado pela ONGD “ParaOnde?”, com o objetivo de auscultar e recolher dados, na ótica de possíveis futuros voluntários internacionais.

Contactei a Joana Pereira, gestora de voluntariado internacional e presidente da “ParaOnde?”, que é também a responsável pela criação e moderação de formações e workshops da organização. A minha participação contribuiu para compreender as motivações e dificuldades, agora na ótica de quem nunca fez, mas tem interesse em realizar voluntariado internacional bem como a sua opinião sobre o tema em geral. Ao mesmo tempo, acabei por contribuir no esclarecimento de dúvidas com base na minha experiência em voluntariado internacional e, uma vez que a organização intermediária com o qual viajei foi a “ParaOnde?”, consegui contribuir muito positivamente. O workshop contou com a participação total de 39 pessoas e teve a duração de três horas.

A primeira partilha iniciou-se com as apresentações de cada indivíduo (nome, idade, profissão) e as suas motivações para realizar Turismo de Voluntariado

A Joana apresentou-se e pediu a todos os participantes que se apresentassem (nome, idade, profissão). Pediu também que identificassem apenas numa palavra a sua expectativa do benefício que o Workshop lhes podia trazer.

“*Motivação, esclarecimento, partilha, cooperação, experiência e conhecimento.*” - foram as palavras mais enunciadas pelos participantes.

Síntese: Rapidamente apercebi-me também de que todos tinham interesse em realizar voluntariado internacional, uns por si próprios, outros devido a familiares ou amigos já terem realizado, ligados ou não à “ParaOnde?” em experiências anteriores.

Enquanto a Joana referia os objetivos do workshop e após escutar as motivações dos participantes para realizarem voluntariado internacional, fiz um *match* imediato com os objetivos que tinha delineado previamente com a minha participação no workshop.

Perceções, expectativas e motivações

“Do mesmo modo que todos temos diferentes perceções sobre o que é o voluntariado, é muito provável que tenhamos também motivações e expectativas diferentes. Por exemplo, apesar do objetivo comum em contribuir para a organização, um voluntário motivado pela autodescoberta vai procurar ter mais experiências em autodescoberta. Um voluntário motivado pela cultura de um país, vai procurar passar mais tempo a enriquecer culturalmente.” – Joana Pereira.

“Quero fazer voluntariado internacional para melhorar o meu currículo” ou *“Quero fazer voluntariado internacional para sair da minha zona de conforto”* – foram algumas motivações enunciadas.

Síntese: Um dos exercícios do workshop baseou-se num conjunto de frases com as diferentes motivações de um indivíduo a tornar-se voluntário. O objetivo era, em grupos, tentar ordenar as motivações por uma ordem preferencial. Com aquele grupo de participantes, foi unânime que a melhoria do currículo deveria constar em último. No entanto, como as motivações diferem de indivíduo para indivíduo, não se conseguia chegar a um acordo e, portanto, a maior dificuldade era não invalidar as motivações dos outros.

A escolha do projeto e a importância das novas tecnologias de informação

“Será necessário realizar pesquisas exaustivas sobre as organizações existentes” – alguns voluntários referiram.

“Na altura da minha primeira experiência de voluntariado internacional, há 10 anos atrás, era essencial estar ligado a uma organização intermediária ou realizar voluntariado internacional através de missões religiosas ou programas financiados, mas estes últimos requeriam um período de espera longo. Agora, este processo é muito mais facilitado por inúmeras agências e empresas, devido às novas tecnologias.” – Joana Pereira.

Síntese: É de elevada importância compreender os propósitos e valores éticos e morais por detrás de cada organização.

Feedback das organizações e impactos para a comunidade local

“No caso da “ParaOnde?” as parcerias são diretamente com as organizações - os programas de longa duração, como o caso da CRHope. Estes programas recebem voluntários durante todo o ano, por períodos mínimos de 3 semanas. De forma a pensar no impacto que o voluntário tem na organização, a cada 3 meses a “ParaOnde?” pede às organizações que lhes facultem o feedback do impacto dos voluntários. Por outro lado, existem os projetos de curta duração que estão preparados para receber voluntários semanalmente e de forma mais circular, sem causar tanto impacto direto na organização e na comunidade que os recebe.” – Joana Pereira.

Síntese: Algumas formas de minimizar o impacto negativo nas comunidades é analisar os *feedbacks* dos voluntários e da organização que os recebe, de forma regular.

Realidades/dicas para os potenciais voluntários

“O Voluntariado Internacional pode não ser perfeito. Muitas vezes, é também sinónimo de entrega e compromisso, de preocupações e privações (dos luxos ou do sono), de disponibilidade de tempo e financeira.” – Joana Pereira.

“Não se deve ter preconceitos com determinado povo ou país” e “É importante possuir o mínimo de conhecimento sobre a cultura e o modo de vida do país de destino” – foram algumas afirmações feitas pelos participantes.

“Mariana, podes falar-nos sobre o lado mau de fazer voluntariado internacional, o lado que ninguém fala, por favor?” – pediu uma das participantes.

“Com base na minha experiência na Tanzânia, que é um país muçulmano, onde os direitos das mulheres estão muito longe da realidade que se vive atualmente, em Portugal é importante ler sobre o país de destino e dar o benefício da dúvida.” – Mariana (autora do trabalho).

“As organizações recebem centenas de candidaturas e precisam de ter alguns critérios de seleção. A humildade será um desses fatores. É necessário visualizar as características pessoais de cada um e conjuga-las com a utilidade no programa de voluntariado.” – Joana Pereira.

“A decisão para fazer voluntariado internacional é semelhante a qualquer outra decisão na vida, no sentido em que deve ser consciente, ponderada e não impulsiva. As formações pré-partida são muito importantes, pois todos os exercícios que se realizam são com base em experiências negativas de ex-voluntários.” – Mariana (autora do trabalho).

“Não fazer porque outras pessoas fizeram e gostaram, pois as experiências são subjetivas e diferem de pessoa para pessoa. As experiências dos ex-voluntários podem ser opostas, quer pela meteorologia, quer pela desorganização existente em determinado mês do ano. Por exemplo, os voluntários que embarcam em janeiro realizam tarefas diferentes do que os que viajam em agosto e portanto, alguns meses do ano requerem mais planeamento, outros são normalmente mais desorganizados. No entanto, quanto maiores os desafios, maior a margem para os voluntários acrescentarem impacto positivo aos projetos.” – Joana Pereira.

Síntese: O Workshop baseou-se numa partilha das realidades que podem ser vividas durante a experiência de voluntariado internacional. Compreendi que existiam dúvidas em desmistificar aquilo que se ouve, daquilo que realmente acontece. Atualmente, valoriza-se a (verdadeira) realidade por detrás do digital e dos desafios. O motivo para fazer voluntariado não deve ser a procura de soluções para os problemas pessoais. Fazer voluntariado provavelmente não irá solucionar-los, nem omiti-los, pois o problema viaja com o voluntário.

Constrangimentos/dificuldades sentidas

“Sei que não me irei sentir compreendido pelo meu grupo de amigos ou família quando disser que quero fazer voluntariado internacional.” – referido por um participante.

“Acho que quando fizer voluntariado internacional não me vou sentir à vontade de publicar fotografias nas redes sociais.” e *“Não vou querer partilhar nada nas redes sociais para não me criticarem.”* – referido por duas participantes diferentes.

“Pois, existem alguns voluntários que não partilham para não cair nesse preconceito, mas trabalhando com uma organização é impossível esquecer o engagement que a partilha pode gerar.” – Joana Pereira.

“Eu fiz partilhas e, no meu caso, foi fundamental divulgar o trabalho da CRHope para inspirar e incentivar os meus seguidores. Recebi imensas mensagens de pessoas que queriam ter uma experiência semelhante.” – Mariana (autora do trabalho).

“Os meus amigos dizem que é ridículo pagar para fazer voluntariado internacional.” – referido por uma participante.

“Essa desvalorização pode ser facilmente desconstruída e é uma afirmação de completo desconhecimento porque existem programas subsidiados e remunerados. Só que são dentro da UE.” – Joana Pereira.

“Mariana, como é que lidaste com o ter de voltar à tua rotina normal e ao teu trabalho?” – questionado por uma outra participante.

Síntese: Um constrangimento destacado pelos participantes foi o desconforto de expor a experiência de Turismo de Voluntariado nas redes sociais. Outras dificuldades sentidas foram a disponibilidade financeira e o choque emocional pós-experiência.

Apêndice 3) Entrevista à gestora de voluntários internacionais da “ParaOnde?”

Data e hora: 18 de setembro de 2023, às 10:00h

| **Nome:** Joana Pereira | **Idade:** 33 anos | **Profissão:** Gestora de voluntários |

Organização: Organização intermediária “ParaOnde?” (Portugal)

| **Tipo de entrevista:** Presencial |

Olá Joana!

- Olá Mariana!

Primeiro de tudo, vou referir que já nos conhecemos, porque foi contigo que eu realizei a minha entrevista para realizar voluntariado com a “ParaOnde?” e então já conheces um bocadinho de mim. No entanto, gostaria que te apresentasses um pouco, pois apesar de te conhecer como recrutadora e moderadora de formações/workshops que já aconteceram, gostaria de conhecer a tua experiência como profissional na área do voluntariado e também como voluntária que és ou foste em vários projetos, pois já tive oportunidade de ouvir algumas histórias. Vamos por partes. Podes apresentar-te e contar-me qual foi a tua primeira experiência em Voluntariado nacional e internacional.

- Sim. Então... Sou a Joana, tenho 33 anos e sou licenciada em Serviço Social. Comecei a fazer voluntariado com 16 anos, de forma consciente e sabendo que estava a fazer voluntariado. Mas já desde pequenina que fazia no ATL a tomar conta dos bebés, no berçário, a ajudar as auxiliares. Mas aos 16 anos foi quando efetivamente comecei a fazer voluntariado de forma organizada, numa casa de acolhimento, no estabelecimento prisional de Tires, com as filhas das reclusas. Foi aí que comecei a fazer uma por semana, com as crianças. E depois, fui passando por vários projetos e iniciativas. Quando fui para a faculdade foi quando comecei a gerir voluntários. Entrei para uma organização chamada MovimentoTransformers, fiz a gestão dos mentores voluntários e, portanto, desde aí ficou o bichinho de “quero fazer isto para o resto da vida”, só não sabia que era possível fazer uma carreira e ser remunerada dentro da área do voluntariado. Quando terminei a licenciatura em 2013, fui para São Tomé durante um mês e meio fazer voluntariado. Ia implementar um projeto de intervenção depois de ter feito uma formação aqui em

Portugal, e fui para São Tomé ter a minha primeira experiência internacional em Voluntariado e foi onde realmente percebi que nós temos mesmo de sair da bolha.

Ok... a importância de conhecer o mundo e explorar outras realidades...

- Sim, eu acho que toda a gente devia ter oportunidade de conhecer o mundo e ter um papel mais interventivo nele.

Boa... E depois a tua experiência enquanto gestora de voluntários... Como começou?

- Quando regressei da experiência em São Tomé consegui trabalho numa ONGD a gerir projetos de cooperação para o desenvolvimento. Estive envolvida em vários projetos em Moçambique e, portanto, através dessa ONGD tive a possibilidade de viajar duas vezes para Moçambique, conhecer um bocadinho da realidade vivida lá e gerir os projetos, que eram feitos em Portugal e implementados lá. E pronto, esse meu bichinho foi sempre ficando. Quando eu estava na ONGD, conheci a ParaOnde. A Inês Ferrão, que é a fundadora da ParaOnde?, contactou-me para estabelecer uma parceria e nós recebermos voluntários da ParaOnde?, na nossa organização. Na altura pensei “vou guardar este contacto porque me pode ser útil um dia no futuro”. Mal eu sabia que em 2017/2018 ia estar no mesmo espaço da Para Onde, porque saí desse projeto em que estava e fui para outro projeto e dei de caras com a ParaOnde nesse espaço de co-work. Não me aguentei muito tempo nesse último projeto, estive 9 meses com eles e despedi-me. A Inês lançou-me o convite de integrar a equipa e, desde 2018 estou a gerir a parte de Voluntariado Internacional e sou, neste momento, a Presidente da Associação e faço tudo o que está relacionado com a gestão dos voluntários que vão para projetos, gestão com os parceiros e toda a gestão por trás da ParaOnde... tudo aquilo que implica gerir projetos e financiamentos e apoios, e dinamizar atividades também cá em Portugal.

Exato. A ParaOnde?, não se foca exclusivamente no internacional. Vejo que promovem várias iniciativas na Europa e em Portugal também. E na tua experiência em São Tomé.... Primeira experiência de voluntariado internacional, conhecer uma realidade completamente diferente, primeiro choque, (...) Quais foram as tuas motivações? Pensaste alguma vez em desistir?

- Então... Em São Tomé fui muito cheia de mim, cheia de expectativas, a achar que ia salvar o mundo e ia ser a super heroína de toda a gente. Mas cheguei lá e percebi que, de facto, não podia fazer praticamente nada no tempo em que eu ia lá estar com o meu projeto. Na altura fui com um projeto de capacitação e desenvolvimento de competências para pessoas com deficiência, mas quando lá cheguei percebi que o próprio governo não reconhecia a existência destas pessoas. Era como se elas não existissem sequer. Não tinham direitos, não tinham qualquer tipo de proteção a nível legislativo, não havia qualquer tipo de reconhecimento pelo governo que estas pessoas existiam e então foi como fazer omeletes sem ovos, sem frigideira, sem manteiga.

Compreendo. Chegar a um sítio cheia de expectativas e de vontade e...

- (...) emoção e expectativa e, cais. Percebes que não vais fazer grande coisa. Esse alinhamento de expectativas e gestão no terreno, longe das tuas pessoas, da tua rede de suporte, numa casa sem água canalizada, foi um bocadinho complicado de gerir. Chegou a um ponto que tive de tomar uma decisão. Ou desistia, deitava a toalha ao chão e vinha-me embora, que era o caminho mais fácil. Ou aproveitava o tempo que me restava de forma positiva e dava a volta a àquilo. Então decidi continuar e, a partir daí procurei divulgar o que se passava com estas pessoas, falar sobre o assunto, recolher o máximo de informação que pudesse relativamente à falta de leis, dificuldades que as pessoas sentiam, falta de diagnóstico. Não havia acesso a cuidados de saúde, as mães não conseguiam prevenir certo tipo de doenças na gravidez e depois as crianças podiam nascer com más formações físicas ou dificuldades cognitivas, e o ensino não tinha resposta para estas crianças e, enfim, isto é tudo um ciclo. Trouxe essa informação para Portugal e no ano seguinte houve mais projetos de intervenção. Passado 2 ou 3 anos saiu uma notícia também, por causa desta pressão e visibilidade e o governo passou a ser um dos países signatários da Carta dos Direitos de Pessoas com Deficiência e elas passaram a ser reconhecidas.

Uau... Muito bem, Joana. Vê-se aí o impacto que conseguimos ter em coisas pequeninas, que mais tarde são realmente grandes e eficazes.

- Sim, e eu não tinha noção que isto poderia ter este impacto, mas é pensar no que está ao nosso alcance e na possibilidade que temos de contribuir para transformar uma sociedade inteira, como foi o caso. Eu fiquei muito orgulhosa e muito feliz.

E recentemente tiveste outra experiência de Voluntariado Internacional, certo?

- Eu vou tentando sempre, desde que vim para a ParaOnde?, conjugar as minhas férias com visitar os países e os projetos que recebem os nossos voluntários.

Tu optas por sítios diferentes, para teres a oportunidade de conhecer mais lugares no mundo, ou qual é o teu fator de decisão?

- É assim, há um sítio que eu vou repetindo. Vou repetir este ano pela terceira vez, mais por questões pessoais do que propriamente de voluntariado. Este ano pela primeira vez fui conhecer o nosso projeto que recebe voluntários na Guiné. Não posso dizer que são viagens em voluntariado que eu faço, porque não, são muito curtas, são duas semanas, ou seja, são mais de visita. Obviamente que durante o tempo em que lá estou tento recolher o máximo de informação, perceber as necessidades, perceber o impacto que os voluntários têm porque eu acho que isso me ajuda enquanto gestora, a preparar melhor os voluntários e transmitir aquilo que é a realidade e contexto para onde eles vão e, perceber de que forma é que eles podem ter mais impacto no terreno. Obviamente que enquanto lá estou, se aparecer um miúdo que precisa de explicações de português eu dou, se for preciso pintar paredes, eu pinto paredes. Por exemplo, agora em outubro vou para Cabo Verde porque eles têm um festival nesse mês e sei que posso ser útil. Ajudar na logística montagem e desmontagem, pinto paredes, e tento aproveitar sempre no mês de outubro, duas semanas.

Da primeira vez que foste para Cabo Verde também apanhaste esse festival?

- Sim, em 2019, mesmo antes do covid. Fui visitar dois projetos: o da ilha de São Vicente e o da Ilha de Santo Antão e, acabei por estar uma semana em cada sítio. Foi precisamente no projeto de Santo Antão que pensei “a partir de agora, eu voltarei todos os anos”. Em 2020 não fui por causa do covid. Em 2021 já tinha uma viagem para São Tomé, e foi o meu regressar, 8 anos depois. Em 2022 regressei e agora, em 2023, vou outra vez.

E ao voltares, passado 8 anos, como é que tu lidas com essas mudanças que tu vês, ou não vês?

- Pois.. são mais as que não vejo, não é... Mas sobretudo é bom ver as pessoas que se lembravam de mim e eu me lembrava delas, ou as que se lembravam de mim e eu não me lembrava delas e isto foi muito estranho. Ver os miúdos que andavam no meu

colo e agora estão da minha altura, foi inacreditável. E ver que eles podem beneficiar do apoio de uma das organizações com quem nós trabalhamos, que os ajuda na parte escolar, na parte das explicações, do trabalho de casa, etc, e perceber que o crescimento deles está a ser acompanhado e eles não estão perdidos. Foi incrível ver isso.

Consideras que o destino onde se realiza voluntariado é um fator de decisão, no geral? Os voluntários manifestam a vontade para explorar o local para onde vão?

- Eu acho que sim, porque o que distingue o nacional do internacional é o facto de teres a possibilidade de conheceres um novo sítio, uma nova cultura diferente. Mas é preciso teres muito foco e noção do que é o Voluntariado e o que é o Turismo e o lazer.

Qual é a tua opinião sobre a relação entre esses dois conceitos, tão abrangentes: o Voluntariado e o Turismo?

- Eu acho que é muito fácil, nestes contextos, tu deixares-te seduzir pela realidade em que estás e, de repente perdes o foco pelo principal motivo que te levou lá. E quando isso acontece deixa de ser positivo, porque se foste para trabalhar durante mês numa organização enquanto voluntário, se te comesas a focar mais na parte do lazer e do turismo, o voluntariado passa para segundo plano. Ou tu decides ir em Turismo ou tu decides ir em voluntariado.

Eu acho que não é assim tão linear... Porque quer queiras, quer não, ao fazer voluntariado internacional já estás a fazer turismo, porque implica uma viagem internacional, uma pernoita, etc. E sem referir a divisão de tempo que podes fazer para cada atividade (seja voluntária ou turística).

- Sim, é claro que durante o teu projeto de voluntariado tu tens momentos de lazer... e eu sou a primeira a dizer, e seria hipócrita se não o referisse, porque quando estive em São Tomé tinha os fins-de-semana livres e aproveitava para conhecer o resto da ilha. Mas descurar o projeto de voluntariado, que deveria ser a tua prioridade, em detrimento do turismo e do lazer, eu acho que não é correto. Obviamente que não é um critério de exclusão quando selecionamos os voluntários, mas eles têm de perceber que a prioridade é o voluntariado e a organização com quem nós trabalhamos. Porque a para Onde é uma ONGD. O nosso foco é apoiar as organizações e nós não somos uma agência de turismo e portanto, não promovemos viagens de turismo com horas de voluntariado.

Nós promovemos projetos de voluntariado internacional e nas horas livres, obviamente que há possibilidade para aproveitar, para conhecer, etc.

O foco aqui é então a noção de que são conceitos relacionados, mas distintos e é necessário haver uma prioridade definida previamente, certo?

- Sim, estão relacionados, mas é muito importante haver essa separação e essa noção. Até porque o voluntariado pode ter uma área muito cinzenta, e foi o que nós assistimos logo após a pandemia. Voluntariado era das poucas viagens que se podia fazer, não se podia viajar em turismo, mas era permitido viajar em voluntariado. Bastava uma declaração da organização de cá que te enviava e da organização de acolhimento, que justificava o motivo da tua viagem. Era exigido isso no aeroporto. Em 2021 sentimos que houve muita gente que aproveitou o facto de poder viajar em voluntariado para fazer Turismo. E foi o ano onde tivemos o pior *feedback* e o impacto mais negativo dos voluntários nas comunidades e nos projetos. As pessoas não iam com o foco para o voluntariado, iam no foco “desconfinar” e “liberdade”. As pessoas queriam viajar, até em alguns países as medidas eram mais alargadas, nem pediam testes, ou o número de casos era bem mais baixo do que na Europa. Mas foi um ano atípico em termos do foco das pessoas e isso fez-nos repensar a forma como nós queremos trabalhar e apoiar e as organizações. Para nós, é muito importante haver esta separação. Se tu queres ir para o Peru e fazer um mochilão pela América do Sul e aproveitar para fazer voluntariado, então tens de definir qual o período de voluntariado e depois vais fazer esse mochilão, ou ao contrário, fazes a viagem e depois dedicas-te ao voluntariado.

Disponibilizar um determinado número de dias ou semanas para as duas atividades, não deixa de ser voluntariado e para ti, é válido e é considerado na mesma Turismo de Voluntariado?

- Tu tens de pensar no impacto que isso tem para a organização e para a comunidade. Depois do covid, houve um boom de agências, projetos, iniciativas, de volunturismo, turismo com impacto, ecoturismo, até pelas próprias questões ambientais e a proximidade das pessoas com as comunidades locais e etc. E então, de repente, tu tens projetos que... vou supor: “uma organização na Tailândia que recebe voluntários por três dias ou uma semana, para dar aulas de inglês”. Será que a organização perguntou à comunidade se os miúdos precisavam dessas aulas? Faz sentido haver lá voluntários três

dias ou uma semana? Que impacto é que isso tem para a comunidade? A comunidade participou nesta decisão de receberem pessoas estrangeiras de forma rotativa...?

E ainda por cima na vertente educativa, no impacto ambiental que isso traz, a própria dinâmica das comunidades, etc...

- Sim, porque de repente mudam as rotinas, hábitos, valores dessa comunidade. Por exemplo, uma organização norueguesa abre um projeto de volunturismo para a Tailândia, que recebe estrangeiros, recebe dinheiro e eles até têm um contacto giro com a comunidade. Primeiro, se não consultaram a comunidade isto começa logo mal. E depois, que impacto é que este tipo de comportamento destas pessoas que não têm qualquer tipo de preparação, vai ter na dinâmica da comunidade. Imagina uma comunidade com um problema de alcoolismo e de repente, vão para lá pessoas que fomentam comportamentos de consumos etc, é um impacto super negativo. E até podes estar durante o dia a pintar paredes, mas à noite estás a fazer festas e consumir álcool. É preciso ter muito cuidado nestas coisas. Daí ser muito importante, se tu queres fazer Voluntariado Internacional, se efetivamente o queres fazer e ter um impacto positivo, apoiar uma organização e estar envolvido com a comunidade, o primeiro passo é tu pesquisares sobre a organização. Perceber quanto dinheiro do que tu dás é que fica para a organização e quanto é aplicado no projeto ou na comunidade. Compreender se a organização tem uma estrutura local, se tem pessoas locais contratadas, se os locais fazem parte desta dinâmica ou não. Perceber os *feedbacks* de outras pessoas que já fizeram voluntariado nessa organização também é muito importante e ver o que é que eles acharam da experiência, como é que se sentiram, etc.

É de facto muito importante a escolha da organização e o projeto que se alia mais com os nossos objetivos e com as nossas competências também, ou com o tipo de experiência que pretendemos ter.

- É por isso que eu digo que a mistura entre o Turismo e o Voluntariado geram um negócio muito cinzento e é preciso ter muito cuidado nos impactos futuros.

Todos os tipos de Turismo deveriam ter isso em conta, os impactos que geram. Porque todos eles geram impactos positivos e negativos.

- Sim! Olha, vou-te dar o exemplo de São Tomé. É um destino extremamente turístico e hoje em dia está super na moda e toda a gente quer ir para São Tomé, e nós

vemos isso porque é um dos projetos que preenche logo as vagas na ParaOnde. O turismo tem um impacto super negativo porque, por exemplo alguns turistas querem ajudar e sentem que devem contribuir para a comunidade, e com isso nada contra. O fundo é bom, mas as consequências são muito negativas. O facto de tu ires na rua e dares doces aos miúdos, porque eles já pedem até, e tu achas querido e fofinho ao distribuíres bolachas e rebuçados, a maior parte dos miúdos em São Tomé tem problemas gravíssimos a nível de higiene oral e de dentição. Miúdos de 13 anos que têm de arrancar dentes por causa deste comportamento gerado por turistas, que querem ter comportamentos altruístas e que querem ajudar. Isto é muito complicado. Ou o exemplo das roupas... ir com malas cheias de coisas para dar em Moçambique, sem procurar a quem é que eu dou. Ou até ao dar a uma organização, como é que eu sei que aquela organização dois dias antes não recebeu um carregamento de coisas? E depois estamos a perpetuar uma ideia de que toda a gente que vai para África tem de levar roupa (principalmente distinção entre Europa e África). Olha eu nunca levo nada. Eu recuso-me a levar coisas, a não ser que me peçam exclusivamente e que seja efetivamente necessário, mas nunca levo nada. Perpetuar a imagem de “White saviour”, lá vem o branco da Europa com coisas para nos dar, e até para nós isto não é nada positivo. Só estamos a alimentar o nosso ego de “sou tão bonzinho, distribuo coisas, partilho nas redes sociais”. Aquilo (entre muitas aspas) é uma pessoa que está na vida dela e nós estamos só a chegar ali a dar e nem sabemos o nome daquela pessoa, a história dela, o que é que ela faz, isso não interessa. Interessa chegar, dar coisas e sair de lá a saber que fiz uma boa ação.

Para nós tem impacto. Para eles é só gerar um comportamento sistemático que, lá está, pode ter todas essas consequências negativas.

- É muito recorrente, mesmo. Os miúdos já vêm ter contigo e pedem cinco euros, roupa, doce, lapiseira. Porque é o que eles estão habituados que os turistas já façam e pedem. O problema não está no que tu dás, são os efeitos do teu comportamento. Porque até tens miúdos que deixam de estudar, de ir à escola, para passarem o tempo na rua a pedirem coisas aos turistas, e é isto que as pessoas não pensam, no impacto. Mesmo quando vamos em Turismo.

Compreendo, e é mesmo isso. Mas agora passando um bocadinho para os voluntários e a personalidade deles. Consegues traçar-me um perfil de um voluntário? Para o desenvolvimento desta tese, li vários documentos que referiam a existência clara de um perfil dos voluntários e eu, na minha opinião e sem qualquer

experiência na área de gestora destas pessoas, considero que existem algumas características ou motivações em comum, mas não dá para traçar um perfil, porque na minha opinião ser voluntário é ser mesmo diferente.

- O perfil... Não acho que há um perfil ideal e um voluntário ideal. Ele tem é de saber exatamente como pode contribuir com as suas competências, experiência, formação e conhecimentos ao serviço da organização pra onde vai. Tem de ter isto bem presente e voluntariado internacional não é a Walt Disney que se vê nas redes sociais. É preciso ter muita abertura, disponibilidade, capacidade de gerir a frustração e imprevistos. Isto é meio caminho andado para tu fazeres uma escolha responsável e consciente para o projeto onde vais, e aí está tudo certo. A beleza da diversidade e cada pessoa, com as suas diferenças pode acrescentar muito.

Concordo contigo, totalmente. Os voluntários têm personalidades diferentes, motivações diferentes, porque também nasceram e vivem em realidades muito distintas. E o que faz de ti um bom voluntário ou não é a capacidade que tens para envolver a tua diferença numa comunidade com outros voluntários que são pessoas de outros países, numa comunidade ainda mais diferente. Mas mesmo assim, deixares uma marca positiva em pessoas e sítios diferentes do mundo. E quanto a dificuldades? Sentes que os voluntários enfrentam constrangimentos diferentes ou semelhantes? Os que já fazem voluntariado, porque não fazem mais? E porque tanta gente quer fazer, mas depois desistem? Disponibilidade financeira, de tempo? Qual é a tua visão quanto a estas dificuldades sentidas pelos voluntários?

- Olha, nós vivemos muito no imediato e nós vemos isso mesmo nas redes sociais da ParaOnde?. Colocamos uma imagem bonita e os comentários são “ah também quero fazer, sempre quis, é o meu sonho”, mas o dar o passo em frente já dá trabalho. A questão financeira secalhar sim, é o principal peso. Mas tu também tens projetos de voluntariado internacional, subsidiados e pagos e lá está, com uma boa pesquisa tu consegues encontrar uma organização que te suporte muita coisa. Mas dá trabalho, tens de fazer uma boa candidatura, processos de seleção, demora tempo. Eu acho que as pessoas não estão para isso. Se não for uma coisa que tu saibas a resposta hoje ou amanhã, as pessoas desistem. Fica lá na guardado na gaveta e já não vou. E o compromisso, eu acho que também é muito isso, poderes mentalizar-te que isto vai exigir de ti um elevado compromisso. E quer dizer, poder? Podes, mas não é muito bem-visto, se te candidatares para ires para o

Perú por dois meses e ao final de uma semana vens embora. É um bocado chato, não é? Mas acima de tudo é este trabalho que dá.

Eu vi isso quando eu fui para Zanzibar e colocava fotografias e vídeos nas minhas redes sociais, da escola, dos miúdos, da organização. Muitas, mas mesmo muitas pessoas enviaram-me mensagem interessadas em fazer voluntariado, porque queriam saber como é que eu fiz, ou quanto custou. Algumas respondi no final, sobre os valores que tive de acarretar e disseram tinham pena, mas que era um valor alto. Não sei se queriam dizer se era um valor alto para a sua disponibilidade financeira efetivamente, ou se foi só utilizar o valor monetário como desculpa. Como poderiam utilizar o tempo, ou outro motivo qualquer. Mas, respondi às questões que me fizeram e percebi que, apesar disso, é um tema muito em alta nos jovens portugueses.

- É, e cada vez mais. Mas sabes, eu vejo isso pela ParaOnde. Nós temos lá tudo no site, todas as questões, as FAQS, as descrições dos projetos detalhadas. Mas isso implica investir tempo a ler, e as pessoas não querem perder tempo. Então a maior parte das perguntas que nos chegam, por email ou telefonemas, são na maioria perguntas cujas respostas nos sites. Há 10 anos atrás, quando fiz voluntariado a primeira vez, não havia nada disto, nada de imediato. O facto de agora teres tudo tão rápido faz com que as pessoas deixem de investir tempo a ponderar e a ler coisas. Por exemplo, tu não vês vídeos com mais de dois minutos.

O mundo habitou-se ao scroll... menos de um minuto e o teu cérebro já desligou... as pessoas já não têm muita disponibilidade mental para isso.

- Pois, mas isto também é uma seleção natural, porque quem quer muito vai ler, informa-se, como tu, etc. Agora para nós também é ótimo que as pessoas que não têm essa disponibilidade não efetuem a candidatura, porque é a seleção natural. E voltando atrás, mesmo que a parte financeira seja um peso, podes traçar um plano e não precisas de ir fazer voluntariado internacional amanhã. Se eu no próximo ano quero fazer voluntariado internacional, deixa-me poupar dinheiro, arranjar um part-time. O que eu costumo sempre dizer quando me perguntam porque é que os voluntários têm de pagar é que a maior parte das organizações com quem nós trabalhamos são pequeninas, não têm estrutura nem recursos, e portanto se tivessem a possibilidade de pagar todos os meses a 4, 5 ou 6 voluntários as viagens, a estadia, a alimentação, os vistos, mais valia aplicarem

esse dinheiro na intervenção local. Não é compatível. Da forma que tem sido feito, as organizações veem benefícios em ter voluntários internacionais.

E há projetos de voluntariado internacional remunerados, também...

- Exatamente, como os Médico Sem Fronteiras, Médicos do Mundo, AMI, Cruz Vermelha, Unicef, como disse, remunerados ou totalmente subsidiados, mas obviamente que têm outro tipo de requisitos, a nível de perfil, de formação, de experiência. Estive com o Raul Manarte a falar sobre Voluntariado Internacional e foi muito bom ter as duas perspetivas, porque enquanto ele trabalha muito em crise e catástrofe, a ParaOnde trabalhamos com desenvolvimento e cooperação, duas áreas completamente diferentes. As experiências que ele tem numa área é diferente de outra. Em desenvolvimento e cooperação não lidamos com mulheres esfaqueadas, mortes. É todo um outro nível e existe toda uma outra preparação. Por exemplo, para exercer funções de professora auxiliar numa escola em Zanzibar não precisas de ter certas competências. São áreas completamente diferentes. Mas voltando à tua pergunta, é uma questão de pesar os pratos na balança. Tu nunca vais encontrar a oportunidade ideal.

Isso acontece muito na nossa vida com os nossos desejos e as nossas bucket lists...

- Sim, por exemplo, “não quero morrer sem subir o Everest”. Se não traçares um plano e começares a pôr a coisas em prática, e vais arrastando, às vezes nem é consciente, é só o empurrando e ir empurrando e quando deres conta, olha já passou. A ParaOnde facilita muito nisso, não tens de investir muito tempo na pesquisa e na procura, claro que uma pessoa que não consegue ir um mês inteiro, nós temos projetos de uma semana. Mas depois o problema é porque já não é o local onde eu queria.

As pessoas têm de estabelecer prioridades. Ou queres muito, ou queres muito naquele sítio, ou queres muito naquela época do ano, ou com aquelas pessoas. Como é que vocês lidam com isso na ParaOnde, quando têm, por exemplo, amigas que querem ir juntas?

- Nós deixamos sempre isso bem explícito. Não podemos garantir que há sempre pessoas na mesma altura e depois quando há candidaturas em conjunto, cada perfil é analisado individualmente. Ter essa consciência. Se bem que eu sou apologista de se ir sozinho, é uma coisa muito pessoal, é algo que te vai ajudar a crescer como pessoa e se

tiveres alguém que conheces ficas focado nessa pessoa inconscientemente e não tem tanto potencial como se estivesses sozinho.

Também concordo contigo. No meu caso, foram vários motivos, mas o que diz respeito ao desenvolvimento pessoal não seria possível ou seria mais difícil se estivesse com pessoas que eu conhecesse. Teria sido completamente diferente e conheci pessoas novas de outros cantos do mundo, que torna a experiência única e ainda mais desafiante. Agora só para terminar, existem algumas empresas, a nível mundial, que promovem turismo de voluntariado para os colaboradores. Vocês já tiveram algum destes casos, na ParaOnde?

- Olha... Este ano tivemos uma empresa com quem nós temos vindo a desenvolver várias iniciativas de voluntariado cá em Portugal, e que agora inclusivamente, deram dez dias de férias extra para fazerem um projeto internacional com a ParaOnde. Foram para a ilha do Maio, para o projeto das tartarugas e a empresa deu esses 10 dias para poderem realizar o projeto. É uma empresa nacional muito grande, com uma filosofia muito boa. E cada vez mais os departamentos de happyness nas empresas tentam promover estas iniciativas por parte dos colaboradores, é super importante.

Uau! Fico feliz em saber que esse tipo de iniciativas já estão a ser implementadas a partir daqui, de Portugal. E famílias, em programas de voluntariado internacional? Costumam ter esse público também?

- Não vemos muito... Mas alguns projetos de curta duração, em alguns campos têm estrutura e aceitam famílias.

Mas então têm esse tipo de campos de voluntariado, e se já há projetos que incluem famílias, porque é que consideras que as famílias portuguesas ainda não procuram muito?

- Não, porque as pessoas ainda acham que voluntariado internacional é ir para África e a maior parte destes campos de voluntariado com suporte para famílias, são na Europa, e as pessoas não percebem o conceito de fazer voluntariado na Europa. Existem também projetos sociais e organizações ambientais e acabas por ter outra vantagem que não tens nos projetos de longa duração, que é a possibilidade de ficar dez ou doze dias, que é ótimo para quem não tem muita disponibilidade de tempo ou financeira. Olha, vou dar-te um exemplo de uma voluntária que foi para Itália, acho que doze dias e gastou 80

euros. Comprou os voos em low-cost, mais meia dúzia de coisas e fez voluntariado. Tinha o alojamento assegurado, comprou esses voos com antecedência, e esteve a dinamizar uma colónia de férias para crianças refugiadas do Saara Ocidental. Uma mega vantagem para estar com voluntários de outras nacionalidades, belgas, franceses, espanhóis e acabas por ter a multiculturalidade também.

Mais outro conceito que relaciona o Voluntariado e o Turismo.

- É, e depois normalmente nesses campos de voluntariado, mesmo sendo de curta duração, existem tardes livres para os voluntários explorarem e conhecerem a cultura local. Portanto, e voltando ao início também, sem dúvida que o Voluntariado e Turismo estão associados. É preciso estabelecer as prioridades e fazer a separação direta dos dois temas. E hoje em dia tens várias opções e várias alternativas.

É mesmo isso, Joana. Muito obrigada pela tua disponibilidade e partilha de conhecimento.

- De nada, Mariana. Foi um gosto e uma ótima maneira de acabar, em grande.

Apêndice 4) Entrevista à gestora de voluntários internacionais da “CRHope Foundation”

Data e hora: 25 de novembro de 2023, às 11:00h de Portugal Continental (14:00h em Zanzibar) | **Nome:** Hellen Chao | **Idade:** 24 anos | **Profissão:** Gestora de voluntários | **Organização:** Organização local “CRHope Foundation” (Zanzibar, Tanzânia) | **Tipo de entrevista:** Virtual |

A entrevista foi realizada em inglês, mas de modo a facilitar a análise da mesma, apresenta-se a mesma transcrita e traduzida em português.

Olá Hellen!

- Olá Mariana!

Hellen, como gestora de voluntários da CRHope, gostaria que me fizesses uma breve apresentação tua. Podes dizer-me o teu nome, idade, país de origem e o que estudaste?

- Sim, claro! O meu nome é Hellen Chao, tenho 24 anos e sou natural de Dar es Salaam, na Tanzânia continental. Licenciiei-me em Engenharia e Gestão Industrial.

Boa! E, em que é que a tua atual profissão se relaciona com os teus gostos pessoais?

- Eu sou a atual coordenadora de voluntariado da CRHope Foundation, tendo iniciado as minhas funções na organização há três meses. Basicamente, a minha função é coordenar os voluntários que chegam à organização, distribuindo-lhes tarefas diárias quer na habitação comum, quer na escola e ajudando-os em tudo o que precisem durante a sua experiência. Abracei esta profissão, pois sempre tive uma paixão de ter um emprego como o que tenho atualmente, aprender sobre novas culturas e conhecer pessoas de todo o mundo.

Muito bem! Tenho algumas perguntas sobre os voluntários que chegam à CRHope que gostava que me esclarecesses... De onde são os voluntários que chegam à CRHope? Que idades têm, na sua maioria?

- A CRHope recebe voluntários durante todos os meses do ano, de várias partes do mundo. São maioritariamente jovens com idades entre os 20-25 anos e provenientes

de países tais como Portugal, Grécia, Alemanha, Irlanda, Dinamarca, entre outros. A verdade é que a maioria dos voluntários são portugueses.

Pois, há cada vez mais voluntários portugueses a chegar à CRHope... Na tua opinião, qual é o motivo de Portugal ser um país emissor de muitos voluntários?

- Eu penso que a organização “ParaOnde?” tem um papel muito importante para os voluntários porque os ajuda a chegar até nós.

É verdade que a “ParaOnde?” tem um papel muito relevante no público português que está interessado em voluntariado internacional. Mas, como crês que os outros voluntários chegam até à CRHope?

- A meu ver, existem dois grupos de voluntários: os que vêm da “ParaOnde?” (e têm ajuda da organização no que precisam) e os voluntários diretos, que se candidatam diretamente pelo website da CRHope.

Em média, quanto tempo é que os voluntários ficam na CRHope?

- A maioria dos voluntários permanece na organização de 3 a 4 semanas.

E a maioria dos voluntários viaja sozinho?

- Os registos mostram que a maioria dos jovens viajam com amigos. Depois temos as candidaturas individuais e alguns (mas poucos) em família.

Eu tive uma experiência sozinha, mas com amigos ou em família deve ser muito bom também. E, já presenciaste algum caso em que o voluntário tenha desistido antes ou durante a experiência?

- Hmm... A mim não me chegam as candidaturas do website que não são concluídas. Apenas chegam as candidaturas que foram efetuadas, mas, que por diversos motivos levaram a uma desistência.

E tens alguma ideia de quais são esses motivos?

- Eu acho que quando um candidato desiste é normalmente por razões de doença, própria ou de familiares ou outros imprevistos.

Na tua opinião, crês que alguns voluntários não chegam a ir pelo medo de viajar sozinho, por exemplo?

- Sim, de certeza que alguns voluntários não chegam a efetuar a candidatura pelo medo de viajar sozinho, até porque para muitos é a primeira vez no continente africano e por isso, acabam por adiar a sua experiência ou nem chegar a realizá-la.

Consegues pensar em algumas dificuldades pelas quais os voluntários ultrapassam, por exemplo a questão financeira?

- Claramente! Eu penso que muitos jovens não têm a capacidade monetária para pagar todas as despesas para chegar até nós, como os voos e todos os documentos obrigatórios.

Isso! Muito obrigada Hellen. E quanto ao *feedback* dos voluntários, costuma ser maioritariamente positivo ou negativo?

- Como em tudo, há quem goste e quem não goste da experiência. Existem os que terminam com uma experiência muito positiva, apoiam e partilham o trabalho da organização, adoram as crianças, o povo e a cultura e pretendem voltar em breve. E os que não gostam da experiência pelo modo de vida ser muito diferente do que vivem ou a meteorologia instável. Por exemplo, quando há tempestades e não há luz ou quando o calor é em demasia e não vivem confortáveis como estão habituados.

Isto, na perspetiva dos voluntários... Mas, para a organização, qual é o *feedback* que têm sobre a presença dos voluntários? Isto é, será vantajoso para a organização receber voluntários?

- Sem dúvida que para a organização é muito vantajoso! Os voluntários dinamizam as atividades da escola, dão a conhecer a organização e quando se inscrevem estão a contribuir financeiramente para a organização que ajuda a apoiar a educação das crianças e a remunerar o staff. Aliás, quando a experiência dos voluntários é positiva e os voluntários partilham a organização, surgem novas doações à organização, que muitas vezes são feitas por pessoas que não têm a possibilidade de fazer voluntariado na CRHope mas contribuem de outras formas e isso é muito gratificante.

Muito obrigada pela tua opinião sincera e pelas informações que estás a partilhar, Hellen. Por último, gostaria de saber a tua opinião sobre os voluntários realizarem Turismo de Voluntariado. Isto é, aproveitarem o seu tempo livre para explorarem a ilha e fazerem esta conciliação entre o Turismo e o Voluntariado. Consideras que

muitos voluntários escolhem realizar Turismo de Voluntariado em Zanzibar também pelo seu potencial turístico?

- Na minha opinião, a Tanzânia tem muito potencial turístico e por isso, é normal que os voluntários escolham o nosso projeto por existirem sítios muito bonitos para visitarem. É muito comum os voluntários fazerem isso. No tempo de aulas ajudam com as crianças e as aulas e depois, vão para as praias e explorar novas ilhas no fim-de-semana. Eu acho que o Turismo de Voluntariado pode ser uma boa escolha para quem gosta dessas duas atividades e assim pode juntá-las numa só viagem.

Muito obrigada pelo tempo que disponibilizaste, Hellen! Dou por concluída a nossa entrevista.

Apêndice 5) Entrevista ao diretor da escola “Seeds of Light”

Data e hora: 28 de novembro de 2023, às 11:00h de Portugal Continental (14:00h em Zanzibar) | **Nome:** Innocent Frank Maile | **Idade:** 31 anos | **Profissão:** Diretor da escola “Seeds of light” | **Organização:** Organização local “CRhope Foundation” (Zanzibar, Tanzânia) | **Tipo de entrevista:** Virtual |

A entrevista foi realizada em inglês, mas de modo a facilitar a análise da mesma, apresenta-se a mesma transcrita e traduzida em português.

Olá Mr. Innocent!

- Olá Mariana! Como estás?

Está tudo bem, muito obrigada! Então, de forma a iniciar a entrevista, gostaria que, como diretor da escola “Seeds of light” me fizesse uma breve apresentação sua. Podemos iniciar pelo seu nome, idade, de onde é e o que estudou?

- Ótimo! O meu nome é Innocent Frank Maile e tenho 31 anos. Sou natural da Tanzânia continental, não de Zanzibar. Tenho um mestrado em Educação Especial e Inclusão.

Ok, e qual a sua função na CRHope?

- Eu sou o diretor da escola “Seeds of light”, onde o projeto da CRHope é implementado e sou diretor há mais de dois anos na escola.

Os seus sonhos de criança estavam relacionados com trabalhar numa escola?

- Quando eu andava na primária, eu queria ser professor e, mais tarde, estudei Ensino por essa razão. Mas também tive o sonho de ser médico, mas pelo modo de vida em que a minha família vivia isso não iria ser possível, muito menos combinar os dois sonhos. Então tive de fazer uma escolha. Decidi então estudar para poder ser professor, até porque para os meus pais era mais fácil ajudar-me com as despesas da universidade de Ensino. Trabalhar na CRHope faz parte da minha vida, mas como professor não sei o meu destino no trabalho. No entanto, não tenho intenções de deixar a CRHope porque trabalhar aqui como professor e diretor faz-me muito feliz.

Muito bem! Agora, sobre os voluntários internacionais que chegam à CRHope... É verdade que estão sempre a chegar novos voluntários à CRHope, certo?

- Verdade! A CRHope recebe voluntários em todos os meses letivos e mesmo nas férias.

Por quanto tempo é que os voluntários costumam ficar na CRHope?

- Temos voluntários que chegam e ficam duas semanas, outros ficam cá dois meses. Depende muito...

Lembra-se quais são os países de origem mais comuns, dos voluntários?

- Portugal, Grécia, Espanha, França e Inglaterra.

E chegam sozinhos ou com amigos?

- Ambos. Mas é mais comum chegarem com amigos.

Ok, e já se apercebeu de algum medo ou dificuldade que os voluntários sentem?

- Eu não tenho ideia sobre as dificuldades que os voluntários enfrentam, mas penso que podem ter medo de viajar para outro continente com uma cultura diferente, mas quando chegam à CRHope ficam confortáveis e felizes com a decisão. Existem alguns que até adiam o regresso a casa e ficam por períodos mais longos do que esperavam. E outros que regressam à CRHope meses ou anos depois para nos visitar.

Para a CRHope, é vantajoso receber voluntários? Se sim, porquê?

- Sim! É 100% vantajoso para a organização receber jovens voluntários. A primeira vantagem é os voluntários contribuírem financeiramente. Depois, eles ajudam-nos a chegar até aos futuros voluntários, aos seus amigos e familiares e fazem com que todos conheçam a CRHope. É com a ajuda deles que se programam todas as atividades para as crianças. Alguns voluntários apadrinham crianças e apoiam-nas ao longo da vida, outros são também embaixadores da fundação.

Essa ligação que criam com as crianças e com a comunidade local é muito importante. Pode descrever-me mais algumas iniciativas onde a CRHope atua na comunidade local?

- Por exemplo, os voluntários envolvem-se com a comunidade local na limpeza de praias, na plantação com a ajuda da população, visitam e apoiam orfanatos localizados

em Zanzibar. Tanto para as crianças, como para os adultos, fornecemos aulas de inglês e alemão, por exemplo, e os voluntários colaboram.

Sim, mesmo que alguns voluntários não tenham competências acadêmicas para ensinar, tentam auxiliar durante as aulas. Não só nas línguas estrangeiras, mas existem outras áreas em que a CRHope promove conhecimento às crianças, certo?

- Exatamente! Várias áreas diferentes como a energia sustentável, a tecnologia, a robótica e os vários tipos de artes como a música, a dança ou artes manuais.

Todas estas iniciativas são planeadas e discutidas com os voluntários durante a sua experiência?

- Sim. Todas as segundas-feiras os voluntários reúnem-se comigo e com a gestora de voluntários, antes das aulas começarem para discutirmos sobre as iniciativas e programas que vão ocorrer nessa semana. Todas as semanas temos os “volunteers on duty”, que são dois voluntários de uma sala de aula responsáveis pela organização e realização de algumas tarefas extra, tais como preparar a cantina antes da hora do pequeno-lamoço, distribuir o chá às crianças, lavar a loiça utilizada pelas crianças, limpar as salas de aula no final das aulas. Todas as semanas, de manhã, os “volunteers on duty” preparam as atividades exteriores sejam campeonatos de jogos, danças, novas músicas, bem como as aulas de educação física todas as sextas feiras. Mesmo assim, os outros voluntários ajudam em todas as tarefas necessárias, por exemplo na limpeza de janelas, organização das prateleiras da sala de aula ou na limpeza da cantina.

O Mr. Innocent reúne com o Cosiano e o Renos sobre os voluntários?

- Sim, para lhes dar o *feedback* sobre o seu desempenho nas atividades.

Essas reuniões são diárias, semanais ou mensais?

- Normalmente, mensais.

Muito bem. Esse *feedback* aos fundadores é muito importante. Mr. Innocent, acha que alguns voluntários escolhem o projeto da CRHope para poderem conhecer também Zanzibar?

- Sim! O nosso projeto é uma boa oportunidade para conhecer a ilha e ajudar a comunidade a ter uma melhor qualidade de vida e a ser mais instruída.

Então, para si, o Turismo de Voluntariado é claro e possível em Zanzibar?

- Sim, é!

Muito obrigada pelas informações que partilhou e o tempo que disponibilizou, Mr. Innocent! Dou por concluída a nossa entrevista.

Apêndice 6) Guia de questões para o grupo de foco com voluntários

➤ Quais as motivações para realizar Turismo de Voluntariado?
➤ Descrição do processo de pesquisa de informação e tomada de decisão.
➤ Adesão ao voluntariado nacional vs internacional
➤ Maiores dificuldades e constrangimentos.
➤ O que conecta os voluntários? Perfil, qualidades e características comuns.
➤ Consideram-se turistas voluntários?
➤ Opinião sobre o contributo das organizações de voluntariado.
➤ <i>Feedback</i> geral sobre a experiência.

Apêndice 7) Guia de questões para entrevistas às organizações

➤ Apresentação (nome, idade, país de origem, estudos, gostos);
➤ Informações relativas à sua função e profissão;
➤ Fatores de decisão/motivações/dificuldades comuns dos turistas para realizarem Turismo de Voluntariado;
➤ Opinião sobre a conciliação do Turismo e do Voluntariado;
➤ Obtenção de outras informações relevantes sobre o fenómeno do Turismo de Voluntariado, por exemplo, iniciativas futuras;
➤ De que modo é que as organizações se dão a conhecer aos voluntários?
➤ Informações sobre o perfil dos turistas voluntários (locais de origem, idades, entre outras).
➤ Informações sobre a estadia dos turistas voluntários nas organizações, tais como durações médias, motivos de desistências, entre outras.
➤ <i>Feedback</i> dos voluntários e da organização.
➤ Medidas de avaliação e monitorização dos impactos causados pelos turistas voluntários.

Apêndice 8) Registos fotográficos como evidências (produção própria)



Anexos

Anexo 1) Certificado de participação no Workshop sobre Voluntariado Internacional

Anexo 2) Declaração de Entrevista à Organização “ParaOnde?”

Anexo 3) Declaração de Entrevistas à Organização “CRHope Foundation”

Anexo 1) Certificado de participação no Workshop sobre Voluntariado Internacional



CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifica-se que

Mariana Lourenço de Aragão

participou no workshop "Voluntariado Internacional: é para mim?", facilitado pela Para Onde?, que decorreu no dia 13 de setembro de 2023, das 18h00 às 21h00 (3h).

Joana Pereira
Joana Pereira

Presidente da Para Onde?

Anexo 2) Declaração de Entrevista à Organização “ParaOnde?”

Declaração de Autenticidade das Informações

Eu, Mariana Lourenço de Aragão, estudante de Mestrado no curso de Turismo, Inovação e Desenvolvimento da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por meio deste documento comprovar que as informações recolhidas através da entrevista realizada com a organização “ParaOnde?” são verdadeiras e foram fornecidas de forma voluntária, com o objetivo de contribuir para a investigação “Turismo de Voluntariado – o caso de Kizimkazi, Zanzibar”.

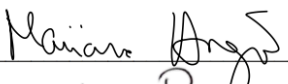
A entrevista realizada teve o propósito de recolher dados qualitativos e quantitativos relevantes para a investigação em curso, que visa analisar o fenómeno do Turismo de Voluntariado, mais concretamente o caso da CRHope Foundation. As informações fornecidas pela entrevistada foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa, contribuindo significativamente para a compreensão do caso em estudo.

Foi garantido à entrevistada que a sua identidade e respostas fornecidas seriam utilizadas exclusivamente para fins académicos.

Mais informo que a entrevista foi realizada à gestora de voluntários internacionais da Organização “ParaOnde?”, Joana Pereira, presencialmente em Lisboa, no dia 18 de setembro de 2023.

Declaro que as informações apresentadas neste documento são verdadeiras e refletem fielmente o conteúdo das entrevistas realizadas. Por último, agradeço à Organização “ParaOnde?” e à sua representante pela disponibilidade e colaboração prestadas.

Assinaturas:

 (Mariana Aragão)
 (Joana Pereira)

Anexo 3) Declaração de Entrevistas à Organização “CRHope Foundation”

Declaration of Authenticity of Information

I, Mariana Lourenço de Aragão, Master's student in the Tourism, Innovation and Development course at the Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, hereby certify that the informations gathered through the interviews conducted with the organization "CRHope Foundation" are true and were provided voluntarily, with the aim of contributing to the research "Volunteer Tourism - the case of Kizimkazi, Zanzibar".

The purpose of the interviews was to collect qualitative and quantitative data relevant to the current research, which aims to analyze the phenomenon of Volunteer Tourism, specifically the case of the CRHope Foundation. The information provided by the interviewees was crucial to the development of the research and contributed significantly to understanding the case study.

The interviewees were assured that their identities and the answers they provided would be used exclusively for academic purposes.

The interviews were realized with the international volunteer manager of the “CRHope Foundation”, Hellen Chao, and the director of the “Seeds of Light” school, Innocent Maile, virtually on November 25th and 28th, 2023.

I declare that the information presented in this document is true and faithfully reflects the content of the interviews conducted. Finally, I would like to thank the CRHope Foundation and its representatives for their availability and cooperation.

Signatures:

 (Mariana Aragão)
 (Hellen Chao)
 (Innocent Maile)